

# 3

## **FOLHA DE SÃO PAULO: UM JORNAL A SERVIÇO (DA COPA) DO BRASIL**

*Angelo Luiz Bruggemann  
Bianca Natalia Poffo  
Daniel Minuzzi de Souza  
Fabio Carvalho Messa  
Fernanda Fauth  
Filipi Flor Teixeira  
Giovani De Lorenzi Pires  
Juliana Collares Laurentino  
Veronica Gabriela Silva Piovani<sup>1</sup>*

### **1. Introdução**

#### **1.1. O papel do jornal na atualidade**

Em uma pesquisa que investiga a presença de agendamentos na cobertura de um evento esportivo da magnitude e importância de uma Copa do Mundo de Futebol em várias plataformas de mídia, obviamente que o jornalismo impresso precisaria ter o seu espaço.

---

1 Os coautores do capítulo optaram por dispor os nomes em ordem alfabética.

Considerado o mais antigo meio sistemático de difusão da informação, o jornal esteve presente, de diferentes maneiras, na própria construção da sociedade ocidental atual, desde o projeto de Modernidade. Além da divulgação de fatos da vida rotineira, alargando e incluindo a população em uma dinâmica cultural e de pertencimento, a imprensa teve papel destacado na popularização dos ideais da democracia burguesa do século 18, na Europa.

Com o constante aperfeiçoamento tecnológico, a mídia impressa experimentou muitas transformações nos seus modos de produção e veiculação, além da companhia de novos meios de comunicação, notadamente os eletrônicos e digitais. Em vista disso, a despeito das muitas vezes em que se decretou o fim do jornal impresso, o mesmo tem conseguido se reinventar, estabelecendo novos parâmetros e retomando sua importância social (DINES, 2009).

Conforme o autor, o jornal, pela sua periodicidade diária, tem o poder de juntar notícias atuais que trazem uma breve contextualização para situar o leitor sobre o assunto, facilitando a compreensão por parte do público. Assim, o leitor tem a liberdade de “governar” a sua leitura, podendo dar maior prioridade a assuntos de seu interesse. Obviamente, esta leitura pode ser mais criteriosa ou mais “por cima”, pois na sociedade atual é pouco o tempo que se tem para obter uma informação adequada.

A comodidade oferecida pelo jornal, com cadernos especializados e colunas, sempre em certas páginas, se deve à preocupação com a concorrência oferecida pelas demais mídias, hoje em dia melhor representada pela Internet e sua velocidade de informação. Essa competição dos jornais com outras mídias os levou a ingressar na internet, por esta ser a nova procura do mercado. Inicialmente, eram colocadas breves matérias que noticiavam algo ocorrido ao longo do dia, e que seria desenvolvido na sua edição impressa no dia seguinte. Depois, os jornais começaram a lançar a sua edição impressa em versão digital na internet, chegando agora ao ponto do jornal incentivar seus colunistas e repórteres a publicarem notícias inéditas na internet, notadamente em seus blogs, como acontece, por exemplo, com a folha.com, da Folha de São Paulo (FSP).

Enfim, reconhecendo que importa o conteúdo que a mídia tem a oferecer, além de ampliar as possibilidades de acesso do

leitor à informação, a tendência hegemônica é passar da condição de produtores de jornal em papel a de produtores de notícias 24 horas, tanto na plataforma impressa quanto nos diferentes meios digitais, permitindo ao leitor escolher a(s) forma(s) de acordo com sua conveniência.

O jornal sempre teve o papel de formar opinião. Cada leitor, ao lê-lo, tem possibilidade de interpretá-lo diferente do outro, possibilitando-lhe filtrar a informação de uma maneira que o permita compreendê-la melhor. Na atualidade, a infinidade de informações circulantes em vários suportes implica que, mais importante do que a quantidade, é o fato de que a opinião pública selecione e discuta os temas considerados mais relevantes na agenda socialmente compartilhada (KUCINSKI; LIMA, 2009). Nesse sentido, alguns jornais de maior densidade e credibilidade costumam ser considerados “formadores de opinião dos formadores de opinião”, entre os quais se inclui, sem dúvida, a Folha de São Paulo (FSP).

## 1.2. Folha de São Paulo – 90 anos

Considerado um dos principais jornais da atualidade no país, a Folha de São Paulo completou, em 19/02/2011, os seus 90 anos de existência, tendo algumas características marcantes em seu projeto editorial, entre as quais se evidencia um adequado equilíbrio entre informação factual investigativa e jornalismo de opinião, com destaque para a indiscutível qualidade do seu corpo de colonistas, inclusive da editoria de esporte.

Conhecido por sua autoproclamada independência jornalística<sup>2</sup>, o jornal faz uma ampla e diversificada cobertura nacional, através de correspondentes em várias regiões do país, além de imprimir agilidade na informação por meio de sua edição *on-line*, dos blogs de seus jornalistas, do seu portal digital (UOL) e do seu instituto de pesquisa (DataFolha).

O Caderno Especial, publicado nos seus 90 anos (CADERNO FOLHA 90 ANOS, 2011) mostra a FSP, sobretudo, como um veículo inovador na imprensa nacional. A Folha foi o primeiro jornal brasileiro

---

2 O título deste capítulo é uma paráfrase de seu slogan: “Folha, um jornal a serviço do Brasil”.

diário com circulação e entrega todos os dias da semana; foi também o primeiro a usar cores diariamente em suas edições, além de ter sido o pioneiro na criação dos serviços de Ombudsman (em 1989).

Os números da FSP também impressionam em se tratando de um veículo impresso num país continental: sua tiragem diária é de 300 mil exemplares, indo a 340 nos domingos; atende a um universo de aproximadamente 2,4 milhões de leitores diários. Cerca de um quinto dos municípios brasileiros (1.104) recebem o jornal diariamente no dia da sua circulação, sendo vendido em aproximadamente 10.000 bancas em todas as regiões do país.

Para produzir o jornal diário, a FSP conta com 450 jornalistas dedicados integralmente à empresa, além dos colunistas e de milhares de estagiários, *trainees* e *freelancers*. (CADERNO FOLHA 90 ANOS, 2011).

Pesquisas sobre a cobertura de eventos esportivos por esse jornal, como as realizadas por Domingues (2006), Silveira, (2007) e Gurgel (2008), demonstram que a FSP apresenta boas análises críticas em relação às questões sociais, econômicas e políticas que se configuram no entorno da dimensão técnica dos eventos esportivos.

Tanto nas suas matérias jornalísticas quanto nas suas colunas, a Folha é bastante imparcial e rigorosa na apuração e exposição dos fatos relativos aos eventos esportivos que cobre, como se pode observar no caso das promessas de legados quanto ao desenvolvimento urbano previsto no projeto do Pan Rio/2007, que incluía obras no sistema viário, de despoluição, melhorias no atendimento à saúde, turismo, etc., a maior parte delas não realizadas (PIRES *et al.*, 2009).

Por conta disso, a Folha de São Paulo costuma ser uma das fontes documentais das pesquisas realizadas no LaboMidia/UFSC e foi o jornal escolhido para a análise da mídia impressa no que se refere à identificação de registros de agendamento da Copa no Brasil 2014 na cobertura da Copa da África do Sul 2010.

### 1.3. Procedimentos metodológicos

A coleta de registros do campo aconteceu entre 01/março e 15/julho/2010, tendo como fonte documental a edição impressa

diária da FSP, com a complementação das informações na edição *on line*<sup>3</sup> e no site Folha.com<sup>4</sup>, quando necessário.

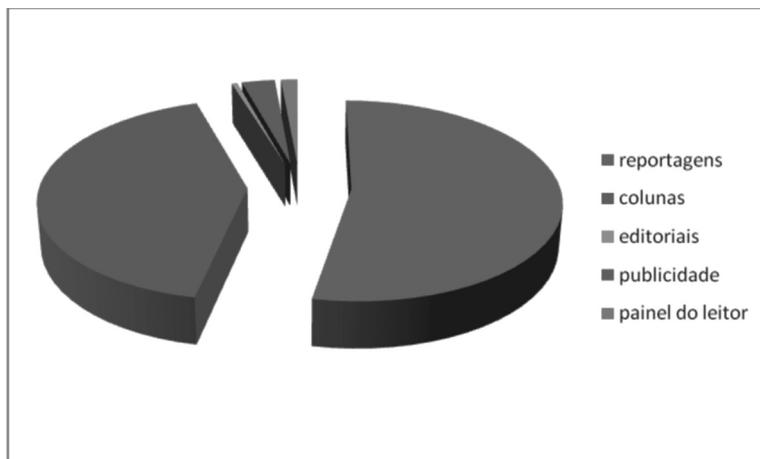
No total, revisaram-se 137 edições do jornal, nas quais foram identificadas 414 matérias relativas ao tema do agendamento da Copa 2014, nas seguintes editorias e quantidades:

**Tabela 1:** Distribuição das matérias conforme os tipos de editorias

<i>Editoria</i>	<i>Reportagens</i>	<i>Colunas</i>	<i>Editoriais</i>	<i>Publicidade</i>	<i>Painel do Leitor</i>	<i>Total de registros</i>
<i>Número de matérias</i>	220	174	02	12	06	414

Essa distribuição pode ser melhor visualizada no gráfico abaixo:

**Gráfico 1:** Distribuição dos registros conforme tipo de editoria.



3 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/>

4 <http://www.folha.uol.com.br/>

As matérias relativas à publicidade e ao painel do leitor, embora computadas foram desconsideradas nas análises da pesquisa, por exigirem categorias específicas de discussão e contarem com reduzido número de registros, mesmo quando somadas (apenas 18).

Para organização e discussão do *corpus* de pesquisa, foram empregados procedimentos metodológicos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009), cujas técnicas são indicadas para a interpretação de mensagens e comunicações oriundas de todo o tipo de fonte, notadamente do campo lingüístico.

A sistematização dos registros do campo contemplou a construção de seis (06) categorias empíricas de discussão, isto é, que foram identificadas e extraídas do material recolhido, a saber:

1. O Carma dos Estádios da Copa: dos projetos à construção
2. O Lançamento da Copa do Brasil na África do Sul
3. As Lições da África do Sul
4. Questões Econômicas que envolvem a Copa no Brasil
5. A Controversa Questão dos Financiamentos Públicos
6. Turismo e Outros Temas Pontuais no Agendamento da Copa

Todavia, é importante ressaltar que a distribuição das matérias nos eixos não foi por exclusividade, isto é, cada matéria poderia conter, em sua redação, aspectos que fossem abordados em mais de um eixo temático.

Na sequência do capítulo, essas categorias são descritas e discutidas, sendo que, para ilustrá-las, são incluídos trechos de matérias retiradas das edições analisadas da FSP.

## **2. Apresentação e discussão das categorias de análise**

### **2.1. O carma dos Estádios da Copa, do projeto à construção**

Um dos assuntos de maior relevância e recorrência, relacionados à Copa do Mundo no Brasil 2014 na Folha, no período selecionado, foram as matérias relativas aos estádios em que ocorrerão as disputas, sobretudo àquele que sediará a abertura do evento, constituindo-se, portanto, em uma das nossas categorias de análise.

A categoria tratou de vários temas associados, como financiamento, projetos de reforma ou de construção, infraestrutura do entorno, licenciamentos ambientais e outros.

Do total de matérias (reportagens e colunas/editoriais) relacionadas à Copa do Mundo de 2014 encontradas no período estudado, nada menos que 158 (35,11%) delas trataram do tema dos estádios, seja entre outros assuntos ou de forma exclusiva. Durante os quatro meses e meio da pesquisa, apareceram matérias sobre estádios da Copa em todos os meses, mas foi junho, mês em que se observou o maior número de matérias sobre todos os assuntos, que apresentou também a maior ocorrência de notícias sobre a categoria estádios. Foram 52 matérias distribuídas entre colunas (67,30%) e reportagens (32,70%); com isso pode-se perceber que, com o andamento da Copa da África do Sul, o assunto Copa no Brasil se tornava mais frequente na fala dos colunistas, cujo discurso é tipicamente mais opinativo e crítico.

A sede para abertura do evento transitou durante todo o período de coleta, mostrando que foi o assunto de maior relevância do evento no período, pois a quatro anos do início dos jogos não foi ainda escolhido um dos palcos principais. Em meio a esta discussão caminha a sede paulista, que quando lançada a candidatura para a Copa 2014, o estádio Morumbi foi apresentado como o local para a abertura. Depois, por motivos financeiros, políticos e estruturais teve “caçada” a sua candidatura à sede da abertura e dos jogos em São Paulo.

*A pergunta a que Ricardo Teixeira ainda não respondeu, a cada vez que aponta problema do Morumbi, é qual sua alternativa? (Coluna Paulo Vinicius Coelho, FSP, Esporte, p. D5, 04/04/2010)*

Os motivos que levaram à retirada do estádio do São Paulo Futebol Clube (SPFC) do evento são contraditórios, pois por um bom período a FIFA aceitou o projeto Morumbi, desde que realizadas algumas alterações em sua estrutura. Logo após a eleição realizada no Clube dos 13, o Presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira<sup>5</sup>, se pronuncia contra o estádio e diz que a FIFA não aceitou o projeto apresentado pelo clube, alegando que havia problemas com pontos cegos e dificuldades de mobilidade no próprio estádio e no bairro. Mas estes problemas também são

---

5 Além da CBF, Teixeira é o presidente do Comitê Organizador Local (COL) da Copa 2014 e membro do comitê-executivo da FIFA.

encontrados nos estádios que sediaram os jogos do Mundial na África do Sul, como comentaram os arquitetos brasileiros envolvidos com as reformas e construções das arenas brasileiras que foram à África:

*... há também dificuldades para chegada a saída do estádio, que fica no centro da cidade. "É uma característica muito parecida com a do Morumbi", afirmou ele, em referência ao estádio do São Paulo que até agora não foi liberado pela FIFA para receber a abertura. (Caderno de Esporte, FSP, p.D4, 02/03/2010)*

Algumas notícias mostram que a FIFA esta realizando cobranças muito acima das feitas para a Copa sul-africana. Essas cobranças podem estar sendo feitas para que o evento aconteça com uma maior segurança e qualidade para todos que estarão presentes nas arenas para assistir o evento, porém podem estar sendo realizadas para retirar alguns estádios indesejados pelo Comitê Organizador Local (COL) por algum motivo.

*Em visita recente às arenas sul-africanas que serão usadas na Copa do Mundo deste ano, o grupo de arquitetos brasileiros envolvidos nos projetos de reforma e construção dos estádios para o Mundial de 2014 chegou à conclusão de que a FIFA usa "dois pesos e duas medidas" em relação às exigências feitas para cada país. (Painel FC - Eduardo Arruda, Caderno de esporte, FSP, p.D2, 16/03/2010)*

Notícias da FSP apresentam o presidente da CBF como um dos maiores lobistas contra o estádio do time São Paulo, como forma de represália em função de desavença com o Presidente do SPFC, que votou contra o candidato dele na eleição do Clube dos 13. Como Eduardo Arruda exemplifica através da sua coluna Painel FC na matéria de título "Dedo-duro".

*Ricardo Teixeira trabalha forte nos bastidores para excluir o Morumbi da Copa-14 como vingança ao apoio do são-paulino Juvenal Juvêncio a Fábio Koff no Clube dos 13. (Painel FC - Eduardo Arruda, Caderno de Esporte, FSP, p. D2, 14/04/2010)*

Estes empecilhos com o estádio que era cotado para sediar a abertura abriram portas para que outras cidades-sede se sentissem aptas a receber esta etapa do evento. Todavia, para que possam cogitar esta possibilidade, é necessário cumprir uma exigência básica da FIFA que é que o estádio tenha capacidade mínima de 65 mil

expectadores. Isso fez com que muitas das sedes deixassem de cogitar explicitamente este privilégio, ainda que tenham mantido seu interesse, como Brasília (estádio Mané Garrincha), Belo Horizonte (Mineirão) e o próprio Rio de Janeiro, em cujo estádio, o Maracanã, já está prevista a realização da partida final.

O estádio de Brasília tem atualmente capacidade para 41 mil espectadores e com a reforma terá sua capacidade ampliada para 71 mil. Mesmo sendo controversa tal ampliação exacerbada, os responsáveis pelo estádio não querem que seja alterado o projeto original. No entanto, como mostra a matéria intitulada "*Licitação para ampliar Mané Garrincha é suspensa*"<sup>6</sup>, há suspeita de superfaturamento por parte dos envolvidos na obra (governo e empresários) e, com isso, a ampliação segue a "passos lentos", fazendo com que Brasília fique temporariamente fora da disputa pela abertura.

O governo federal acredita que uma dobradinha do Rio de Janeiro, recebendo a abertura e a final, seja a melhor hipótese para o momento, conforme informa Mônica Bergamo, em sua coluna intitulada de "*Maracanã em Dose Dupla*"<sup>7</sup>, sob o argumento de que nem o governo estadual e nem o municipal se colocaram disponíveis para ajudar na reforma do estádio Morumbi.

Minas Gerais, que também se colocou a disposição para sediar esta etapa do mundial, é considerada pelo governo federal fora de cogitação pela hotelaria defasada, que não teria capacidade para hospedar os turistas que chegariam por ocasião da festa da abertura<sup>8</sup>.

Na contramão dos batalhadores a favor do Morumbi, estão os *lobistas* que acreditam que o estado de São Paulo deve construir um novo estádio para acolher o evento. Alguns daqueles que se colocavam a favor da reforma do Morumbi foram os que apresentaram um plano B para São Paulo, como o prefeito da capital, Gilberto Kassab. É o que mostra Renata Lo Prete em sua coluna:

---

6 Caderno Corrida, FSP, p. C6, 06/04/2010.

7 Ilustrada, FSP, p. E2, 28/05/2010.

8 Ilustrada, FSP, p. E2, 28/05/2010.

*Na contramão de suas declarações públicas contrárias à construção de novo estádio em São Paulo para 2014, Gilberto Kassab (DEM) operou em total sintonia com Ricardo Teixeira para retirar do Morumbi a abertura e eventualmente qual-quer participação na Copa. (Painel Renata Lo Prete, Caderno Poder, FSP, p. A4, 17/06/2010)*

Andres Sanches, presidente do Corinthians, que estava na África do Sul como chefe da delegação brasileira, por algumas vezes disse que o Morumbi estava 100% fora da Copa, sendo a única possibilidade de São Paulo receber a abertura, o estádio apresentado como plano B pelo prefeito Gilberto Kassab, que seria construído junto à arena multiuso de Pirituba, e que futuramente seria mantido pela diretoria do Corinthians.

Subvertendo o que tinha sido apresentado para a população na candidatura do Brasil à sede da Copa 2014, de que esse que seria um evento a ser realizado pelo financiamento privado para o melhoramento e construção das arenas, essa premissa foi mantida por pouco tempo, já que logo após a divulgação das doze cidades-sede no Brasil, muitas delas, em nome de seus mandatários, anunciaram que estariam de portas abertas para ajudar publica e financeiramente nas obras a serem realizadas nas arenas, mesmo porque apenas três delas terão estádios privados (clubes) como palco.

Então, para a realização destas construções/reformas nos estádios públicos, o governo abriu uma linha de financiamento de até 400 Milhões de reais junto ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Todavia, para esse financiamento ser aprovado os estádios deverão ter seus projetos reelaborados para arenas ecológicas, os chamados “Estádios Verdes”. Mesmo que com estas exigências as obras tenham um aumento em seu custo de 3% a 10%, segundo os arquitetos envolvidos com as reformas, o BNDES alega que estas obras serão auto-sustentáveis a longo prazo.

*Estádios que sediarão jogos da Copa do Mundo no Brasil, em 2014, devem atender a exigências ambientais do Ministério do Esporte para ter financiamento do BNDES. [...] Os requisitos básicos para o financiamento são coleta seletiva de lixo e a reciclagem do material de demolição, aproveitamento da água da chuva nos banheiros e gramados, otimização da ventilação e da iluminação naturais e uso de biocombustíveis. (Caderno Mercado, FSP, p. B4, 20/06/2010)*

No entanto, esta linha de financiamento só foi aberta para a reforma e construção dos estádios públicos, fazendo com que os estádios privados necessitem de um financiamento ou um grupo de representantes que dêem garantias para concessão dos financiamentos, para cumprirem as exigências da FIFA e do COL. Alguns clubes proprietários destes estádios se sentiram prejudicados, optando por esperar por uma ajuda do governo federal com pacotes de investimentos para obras emergenciais:

*O Inter não começou as reformas do Beira-Rio para a Copa-2014. Nem vai começar tão cedo. Gente ligada à cúpula do clube gaúcho explica que a intenção é atrasar ao máximo o início das obras na esperança de que apareça um pacote de ajuda do governo federal. Cresce no clube a tendência de que não vale a pena investir muito dinheiro para que o estádio seja palco de poucos jogos, que podem nem ser tão importantes. (Painel FC, Caderno Esporte, FSP, p. D2, 22/03/2010)*

A construção de um novo estádio ou mesmo a reforma de um estádio para sediar a Copa não pode ser pensada somente pelas arenas, mas sim em um panorama geral da comunidade que está a sua volta, pois do que adianta um estádio moderno que não comporte o fluxo do público que irá utilizar-se dele. Como se pode ver na matéria “Ampliação do Palestra preocupa vizinhos”, mesmo o Palestra Itália não sendo um dos estádios selecionados para a Copa 2014, a diretoria do Palmeiras está reformando-o, e se programando para que esse esteja pronto em 2014, na esperança de que os outros estádios não fiquem prontos a tempo e eles tenham uma chance de sediar algum jogo:

*Para Maria Antonieta Lima e Silva, presidente da Associação Amigos da Vila Pompeia, a ampliação [do Palestra] vai agravar os problemas de trânsito da região, apesar da chegada de nova linha de Metrô. (Cotidiano, FSP, p. C4, 18/06/2010)*

Com esse panorama apresentado pela FSP sobre os estádios é que seguimos para o segundo mundial de futebol em “Terras Tupiniquins”. As notícias não se encerrarão com a conclusão da Copa da África, muitas coisas ainda estão acontecendo no pós-Copa em diferentes meios de comunicação, a exemplo da discussão sobre a sede paulista que tomou outros encaminhamentos com a apresentação de um novo projeto da arena do Corinthians, em Itaquera, entre outros problemas de infraestrutura em outros estádios.

## 2.2. O Lançamento da Copa do Brasil na África do Sul

A partir da leitura e análise preliminar das matérias coletadas na FSP, constatamos que algumas destas poderiam ser agrupadas em uma categoria que denominamos Lançamento da Copa na África. A categoria reúne e discute 23 matérias (divididas em 12 reportagens e 11 registros em colunas) veiculadas na Folha, que se referiam a eventos realizados pelo governo brasileiro e pela CBF, cujo objetivo era demarcar o lançamento internacional da Copa do Brasil no âmbito da Copa da África do Sul, dando assim visibilidade ao megaevento esportivo previsto para ser realizado no ano de 2014.

Como pode se constatar, a categoria Lançamento da Copa na África não se caracteriza pelo número elevado de matérias (como em relação aos estádios, por exemplo), mas pela grande concentração delas num curto espaço de tempo (de 23/05/2010 à 17/07/2010) e pelo intenso “diálogo” entre as reportagens e as colunas sobre o tema. De fato, foram percebidas várias situações em que o conteúdo informativo presente nas reportagens era imediatamente repercutido nas colunas, de forma opinativa, com algumas críticas e mesmo ironias ao comentar os fatos.

Entre outros temas observados nesta categoria, três movimentos principais e interligados, acontecidos na África do Sul, podem ser destacados, que são: a criação da Casa Brasil; a divulgação de filme oficial sobre o país; a festa oficial de lançamento da Copa do Brasil.

A Casa Brasil foi um espaço criado pelo governo brasileiro para promover a Copa do Mundo 2014 na África do Sul, inaugurada no dia 15/06/2010. Estava localizada em Johannesburgo, mais especificamente no bairro de Sandton, o mais caro do país. Segundo informam as matérias analisadas, seu aluguel e montagem custaram cerca de R\$ 10 milhões para os cofres públicos brasileiros, valor que foi pago por quatro Ministérios envolvidos (Esporte, Turismo, Ciência e Tecnologia e Indústria e Comércio), que contribuíram igualmente com R\$ 2,5 milhões do orçamento de cada um, para a concretização do projeto. Seu custo foi o tópico mais abordado nas matérias, como mostra a coluna do dia 12/06/2010, de Eduardo Arruda com o seguinte título: *“A ‘sede’ do governo brasileiro na África do Sul está no bairro de Sandton, o mais caro do país”*. (p. D6)

Além da Casa Brasil, uma estratégia midiática foi utilizada para divulgação da Copa 2014, nesse caso pelas emissoras de TV do mundo que possuíam o direito de transmissão da Copa da África do Sul. Foi veiculado um vídeo promocional sobre o Brasil com duração de um minuto, apresentando o que o Governo chama de “novo conceito de Brasil”: moderno, alegre, não restrito ao Carnaval e ao Rio de Janeiro. Percebemos que as matérias veiculadas a respeito dessa temática refletem a preocupação de divulgar um Brasil que se almeja, pois ainda não existe ou talvez sequer encontre-se em construção (como nas imagens “sem favelas” disponibilizadas pelo vídeo, por exemplo).

Na coluna assinada por Renata Lo Prete algumas dessas informações podem ser evidenciadas:

*No dia 11 de julho, no primeiro “break” comercial após o término da final em Johannesburgo, todas as emissoras de TV no mundo com direito de transmissão da Copa da África do Sul (menos a brasileira Rede Globo) levarão ao ar uma propaganda de um minuto sobre o Brasil, sede do Mundial de 2014. [...] A peça, que terá também uma versão de 30 segundos, será veiculada por aproximadamente 20 dias. (FSP, p. A4, 23/05/2010)*

Este filme promocional foi dirigido pelo cineasta Fernando Meirelles, conhecido por produções comerciais como Ensaio sobre a Cegueira. Outro vídeo do mesmo diretor, enfatizando a hospitalidade do Brasil, seria exibido por três meses em emissoras com rede mundial, como a CNN. Segundo consta na mesma coluna assinada pela jornalista Renata Lo Prete: “[...] Ele enfatiza a hospitalidade, característica mais mencionada por turistas em pesquisa do governo.” (Caderno Poder, FSP, p. A4, 23/05/2010)

Depois da sua inauguração, a Casa Brasil foi palco de um grande evento, senão o principal para a qual foi projetada: a festa de lançamento mundial da Copa, realizada no dia 08/07/2010. Esse evento, que foi exibido pela Rede Globo, teve como intuito divulgar e promover o Brasil (e a Copa no Brasil) e contou com a presença de diversas personalidades, dentre elas: dirigentes da FIFA e da CBF, empresários, prefeitos e governadores (representando as cidades-sede), ex-atletas (Romário, Cafú, Beckenbauer e Platini), ministros de estado, assim como outras personalidades ligadas ao evento. De

todas elas, entretanto, nenhuma outra presença foi tão referida nas matérias quanto a do presidente Lula.

Para exemplificar melhor essa constatação, segue abaixo trechos de duas matérias, o primeiro extraído da coluna de Eduardo Arruda e o segundo de uma reportagem:

*Não é apenas a cidade de São Paulo que enviará representante pago com verba pública para África do Sul. Todas as outras 11 sedes da Copa de 2014, umas com mais representantes outras com menos, já passaram ou vão passar pelo país da Copa de 2010. No dia 8, no lançamento do Mundial brasileiro, todos estarão presentes. (FSP, p. D6, 02/07/2010)*

*[...] O evento em Johannesburgo teve a presença da cúpula da FIFA e da CBF, de ex-atletas como Romário, Beckenbauer e Platini, prefeitos, ministros e governadores. Mas as principais atrações foram o presidente Lula e Joseph Blatter, o mandatário da FIFA. (FSP, p. D8, 09/07/2010)*

Observou-se que, tanto no período pré quanto no pós-festa, ao mencionar a figura do presidente Lula, as matérias geralmente confirmavam ou ressaltavam a presença do mesmo na ocasião. É válido salientar que o rei do futebol, Pelé, foi convidado para cerimônia e certamente também chamaria a atenção dos presentes; entretanto, ele não compareceu ao evento supostamente por ter outros compromissos em sua agenda<sup>9</sup>.

Outra temática que apareceu com frequência relacionada à festa de lançamento, diz respeito à logomarca da Copa 2014. O símbolo de mãos entrelaçadas no formato da Taça da FIFA, para representar a Copa no Brasil, foi uma idéia da agência África, do publicitário Nizan Guanaes, que participou do concurso juntamente com outras empresas. Para a escolha da logomarca da Copa 2014, um júri foi constituído pelo presidente da CBF e por nomes de brasileiros ligados ao mundo das artes, como o escritor Paulo Coelho, a modelo Gisele Bündchen, o designer Hans Donnes, o arquiteto Oscar Niemeyer e a cantora Ivete Sangalo. Entretanto, a apresentação da logomarca não causou tanto impacto quanto era esperado, talvez porque a imagem já havia vazado na internet alguns dias antes, como indica a reportagem “[...] A apresentação ontem não causou

---

9 Matéria do dia 05/07/2010, na coluna “Painel FC na Copa” informa que a razão da ausência de Pelé seria o seu contrato com o SBT para comentar a Copa, já que o evento seria exibido pela rede Globo.

*impacto porque a imagem vazou e foi divulgado no portal IG, na internet, no dia 31 de maio” (FSP, p. D6, 09/07/2010).*

Algumas críticas quanto ao Lançamento da Copa 2014 na África e aos envolvidos nela foram também evidenciadas nas matérias, sobretudo nas colunas e com poucas ocorrências nas reportagens. A coluna assinada por Paulo Vinicius Coelho, por exemplo, critica o que ele considerou como “férias” tiradas por Ricardo Teixeira, após a eliminação da seleção brasileira - Teixeira disse que permaneceria na África do Sul para promover a Copa 2014. De acordo com o colunista:

*Teixeira pode ficar na história por ter deixado ao país elefantes brancos, erguidos com dinheiro público. Precisa trabalhar para, no mínimo, oferecer a alegria que o país nunca teve, de um título dentro de casa [...]. (FSP, p. D5, 04/07/2010)*

Outra crítica observada nas matérias, mas com um “tom” mais irônico, refere-se às gafes cometidas durante a festa de lançamento da Copa 2014. A reportagem publicada no dia 09/07/2010 (p. D8) exemplifica essa constatação. Nela é narrada brevemente como se sucedeu a festa e seus principais acontecimentos, destacando gafes do presidente Lula ao referir-se a Michel Platini e Beckenbauer. Tal ironia repete-se no mesmo dia, na coluna assinada por Marcos Augusto Gonçalves, complementando que a festa de lançamento da Copa 2014 “[...] Foi um festival de brequice verde e amarela [...]” (FSP, p. D9, 09/07/2010).

Todavia, a mais irônica das críticas presentes nas matérias veiculadas sobre o tema fez menção à logomarca da Copa 2014, cuja imagem foi comparada à aparência estilizada do médium Chico Xavier, com seu cabelo repartido do lado esquerdo e a mão na face no momento em que psicografava<sup>10</sup>. Conforme coluna assinada por Marcos Augusto Gonçalves, a logomarca pode ser definida

---

10 Tal semelhança tão ironizada talvez seja decorrente de recentes lançamentos de filmes que retratam o famoso médium espírita brasileiro: Nosso Lar e Chico Xavier. *Nosso Lar* é um longa metragem brasileiro, dirigido e roteirizado por Wagner de Assis, baseado na obra homônima psicografada pelo médium Chico Xavier, sob a influência do espírito André Luis (fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Nosso\\_Lar\\_%28filme%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nosso_Lar_%28filme%29)). *Chico Xavier* é uma produção nacional dirigida por Daniel Filho, com roteiro de Marcos Bernstein, AC, baseado na obra “As Vidas de Chico Xavier”, do jornalista Marcel Souto Maio (fonte: [http://www.chicoxavierofilme.com.br/site/?page\\_id=1044](http://www.chicoxavierofilme.com.br/site/?page_id=1044)).

como uma “*macumba metida a modernete pra turista ver.*” (FSP, p. D9, 09/07/2010)

Ainda na coluna assinada por Paulo Vinicius Coelho, a crítica acerca da logomarca é complementada e se estende a outros aspectos do megaevento a ser realizado aqui no Brasil em 2014:

*No Facebook eu mesmo aderi a um grupo, recém-criado, que se chama “Isso, não! Queremos outro logo para Copa 2014” [...]. O fiasco retumbante do logotipo está associado a um padrão que já se transformou na verdadeira marca registrada dessa Copa brasileira: tudo é feito na penumbra, com pouca ou nenhuma transparência, em decisões de “diretoria”. [...] Já é hora de a Copa sair dos gabinetes e ganhar dimensão pública [...]* (FSP, p. A, 21, 07/07/2010).

Vale lembrar que, quando da definição da Copa de 2014 no Brasil, um movimento popular de muito bom humor<sup>11</sup> defendia o Saci, figura do folclore brasileiro, como símbolo da Copa do Mundo do Brasil.

Apesar das críticas e ironias com que reportagens e colunas da FSP trataram a Copa 2014, de forma geral, os esforços dos agentes públicos brasileiros foram empregados para dar visibilidade ao megaevento. O Grupo Folha também se empenhou nessa divulgação de forma institucional, ao publicar matéria no jornal, anunciando que a Copa 2014 para eles já havia começado:

*É isso mesmo! Para nós, do Grupo Folha Dirigida, a Copa de 2014 já começou. [...] Nossa equipe já se encontra na África onde, além de torcer pela seleção brasileira, vai ajudar a projetar a imagem do Brasil, mostrando que o país já está trabalhando para a Copa de 2014. É com muito orgulho que damos nossa contribuição.* (FSP, p. A8, 12/06/2010)

Nessa mesma matéria, informaram também o lançamento, em Johannesburgo – África do Sul, de uma edição especial da revista Folha do Turismo/Brasil, em inglês, com dados sobre as cidades-sede da Copa 2014.

---

11 <http://www.sosaci.org/>

### 2.3. As Lições da África do Sul

Previsivelmente, a produção jornalística da Folha de São Paulo, durante o período demarcado entre 01/03/2010 e 15/7/2010, ficou inscrita numa espécie de tempo futuro perfeito (quando fez previsões sobre a Copa 2010 na África), fomentando pautas de agendamento, para um tempo futuro mais-que-perfeito (ao fazer previsões para o evento de 2014 no Brasil). Este traço da temporalidade é o primeiro fator que nos chama atenção, quando se percebe que na estrutura narrativa das matérias e textos opinativos o tempo verbal, eixo motor dos textos, não é nem mesmo, o de um pretérito transformado em presente, como aconteceria na convencionalidade dos *leads*, mas sim o de um tempo futuro: um futuro perfeito e outro mais-que-perfeito, ou seja, o de um futuro próximo e o de um futuro um pouco mais além.

Aproveitando-se de uma suposta expectativa criada para a população sobre a aprovação do Brasil em sediar a Copa do Mundo 2014, o discurso midiático já se antecipava em avaliar peculiar decisão, principalmente no que se referia às relações custo e benefício, à possibilidade de altos investimentos, ao retorno desses investimentos à população e aos possíveis legados dessas reformas e mudanças. Este rumor discursivo possibilitou-nos nomear esta categoria de análise como Lições da África. Reunidas nessa categoria estão reportagens e colunas (textos opinativos) da FSP, num total de 47 matérias, que se referem às lições e/ou possíveis aprendizagens que o Brasil poderia adquirir a partir do que ocorria na Copa da África do Sul, em 2010.

De todas as categorias já depreendidas e discutidas, surge essa que, de certa forma, envolve todas as outras, pois serve como trunfo temático pretextual para o desenvolvimento argumentativo de toda essa teia enunciativa do agendamento da Copa 2014, a partir da cobertura pré-Copa de 2010, tecida pela FSP. Mesmo que todas as demais categorias consistam aqui em sintetizar as depreensões temáticas do conjunto de matérias que compõe esta amostra, esta inevitavelmente encontra-se circunscrita a todas as demais como mote argumentativo principal/final para o evento no Brasil em 2014.

Logo após a aprovação do Brasil como sede da Copa 2014, começaram as cogitações, elogios e críticas. Primeiro, em relação à

exaltação e à comemoração desta possibilidade do país sediar, depois de 64 anos, uma nova edição do mundial de futebol; e depois para os possíveis investimentos econômicos de empresas privadas, que poderiam beneficiar a população, melhorando as instalações esportivas, criando oportunidades de desenvolvimento para diversos setores da sociedade. De certa forma, boa parte de toda a fortuna crítica jornalística da FSP esteve voltada diretamente às questões econômicas, especulando, inclusive, sobre riscos de desvios das verbas fornecidas para o empreendimento.

Do conjunto de matérias, foram elencados eixos temáticos para discussão: a) atrasos nos prazos de entrega dos estádios brasileiros; b) corrupção; c) FIFA mais rigorosa com Brasil do que com a África; d) visitas de grupos profissionais à África; e) diferenças entre ligação do governo ao COL.

A seguir, apresentamos algumas considerações e exemplos acerca desses eixos:

#### *a) Atrasos nos prazos de entrega dos estádios brasileiros*

Como pano de fundo, percebia-se sempre o contexto da Copa a ser realizada na África, como artifício de comparações e contrastes, para se chegar ao assunto principal, que foi a escolha das 12 cidades-sede, as discussões e escolha por retirar da lista a reforma do Morumbi e incluir o projeto de construção do Piritubão, a partir dos questionamentos de redatores e críticos sobre as negociações entre Ricardo Teixeira (presidente do COL) e André Sanchez (presidente do Corinthians). Soma-se também a diversidade de opiniões formuladas em relação à qualidade da infraestrutura geral e esportiva que o Brasil proporcionará a 2014, como segurança, aeroportos, melhoria das malhas viárias, treinamento de trabalhadores de hotéis e lojas, inclusive no quesito domínio da língua inglesa como base para as relações comunicativas.

#### *b) Corrupção*

Esta discussão esteve relacionada diretamente à questão econômica, com a grande possibilidade de corrupção que correria o risco de ser mascarada. Cita-se como exemplo recente a realização do Pan-Rio 2007, quando a ONG “Instituto para estudos de segurança” (que faz pesquisas sobre a condição humana da África)

escreveu que “o valor alto das obras é apontado como maior fator de corrupção”, comparando o estouro do gasto de oito vezes mais do que havia sido planejado no acontecimento da Copa na África, trazendo esta realidade aos brasileiros. (Caderno de Esporte, FSP, p. D6, 02/5/2010)

As matérias mudaram de tom ao longo do tempo, mas sempre com um traço de preocupação principalmente com os atrasos nas obras dos 12 estádios aprovados para terem jogos da Copa.

*c) FIFA mais rigorosa com o Brasil do que com a África do Sul*

Questão bastante polêmica, levantada por membros do COL, resultou no título: “*Na África, FIFA permite erros que vê em São Paulo*”<sup>12</sup>, a matéria dizia respeito às exigências que a FIFA faz ao Brasil, já que na África teriam sido pontos pouco cobrados e avaliados, como a comercialização de assentos de estádios com pontos cegos e estacionamentos disponíveis nos estádios com número bem reduzido, comparado ao Brasil. Um grupo de arquitetos brasileiros que visitou a África do Sul disse que exigência feita ao país é muito maior que à África do Sul. (Brasil, FSP, p. A14, 24/04/2010).

Da variedade de argumentos opinativos inerentes à produção discursiva da FSP, alguns redatores demonstraram otimismo, sendo que vários destes estiveram na África cobrindo o Mundial e, por isso, acreditaram que o Brasil teria (desta vez no futuro do pretérito) capacidade de organizar um evento muito melhor que o africano. Já outras fontes como Danny Jordaan (responsável pelo Comitê Organizador da Copa da África) foi direto em dizer que “*o Brasil tem que correr contra o tempo, por causa principalmente da questão: estádios!*” (Caderno de Esporte, FSP, p. D3, 19/03/2010).

*d) Visitas de grupos profissionais à África do Sul*

No informe publicado em 25 de abril de 2010, o Sindicato da Indústria e Construção Civil do Estado de São Paulo mostrou a preocupação do COL em observar as instalações e as formas de organização na África, tendo enviado um grupo de 22 engenheiros para iniciar trabalhos no Brasil com base na comparação dos trabalhos. Foi percebido que o “*Brasil deve se preocupar com*

12 FSP, Caderno de Esporte, p.D23, 17/6/2010.

*qualidade de engenheiros e trabalhadores responsáveis pelas obras, para que saíam como planejadas e no tempo previsto, sem atrasos.”* (Brasil, FSP, p. A14, 24/04/2010)

Já em outra visita igualmente relatada, policiais militares foram até o país observar os esquemas de segurança nos arredores e interiores dos estádios, para posteriormente aplicar no Brasil. (Caderno de Esporte, FSP, p. D8, 12/05/2010)

*e) Diferenças entre ligação do governo ao COL*

Dizia-se que o COL brasileiro estava diferente em relação ao da África do Sul (por enquanto) no que diz respeito ao envolvimento de membros do governo (Caderno de Esporte, FSP, D-1, 22/03/2010), pois lá na África este esteve diretamente ligado ao governo. No Brasil, os executivos do COL se concentram em pessoas envolvidas com esporte e eventos esportivos, mas não há presença de representantes governamentais das instâncias envolvidas (seja federal, estadual ou municipal), embora o que se vê são verbas públicas sendo requisitadas e direcionadas às construções exigidas.

Além desses eixos temáticos, houve outras considerações esparsas e também de teor comparativo, que valem a pena ser mencionadas, como o fato de o Brasil, assim como a África do Sul, segundo a FIFA, teria que disponibilizar um número específico de quartos e reservas à empresa parceira de pacotes turísticos “Match”. Este fato causou problemas na África do Sul, pois a rede hoteleira acusou a empresa pela procura ter sido aquém do esperado, porque esta oferecia pacotes a custos muito altos, tendo devolvido mais da metade das reservas sem ter sido comercializadas, com prejuízo para os hotéis.

Convém referir também à fala de ex-treinador da seleção Carlos Alberto Parreira, quando disse que Brasil perdeu oportunidade de melhorar e inovar os estádios brasileiros, optando por reformar três deles (de 60 anos), quando deveria ter criado novos projetos, como se fez na África do Sul. Dizia ele que: *“O Soccer City (estádio principal de Johannesburg) foi demolido e fizeram essa beleza de estádio, que é o mais lindo do mundo”*. (Caderno de Esporte, FSP, p. D14/15, 09/06/2010)

Por último, adiciona-se também o rumor sobre a proposta de políticas antirracistas e xenófobas no Brasil, já que na África do Sul

se tinha o mais eclético exemplo de diversidade nas arquibancadas e dentro das partidas. Em função disso, fez-se necessário desenvolver toda uma manobra discursiva pra preparar o público a tratar essa mesma diversidade com respeito.

Todas essas peculiaridades do discurso jornalístico nos fazem enxergar que, do plano da formulação destes enunciados, já existe uma característica que é a das entidades (dentre elas a FSP) apoderarem-se de uma temática pretextual, gerando uma rede de discursos (notícias de um futuro perfeito e um futuro mais do que perfeito) que constituem, portanto, o mote gerador da pauta para a agenda pública.

Este agendamento compulsório começou a ser produzido numa determinada distância temporal estabelecida, para ir além da mera formatação do pensar do público, pois instituiu-se como o próprio oferecimento do objeto desse pensar, e ainda, talvez, para o mais ardiloso dos alcances: o de dispor de todo um menu de conteúdos e opiniões, de forma a acostumar a massa leitora a aceitar todas as variações sociais (positivas e negativas) que ocorrerão a partir de todas as mobilizações decorrentes de ordem estrutural, social, comercial e financeira.

O lema de toda essa tessitura narrativa, configurada na categoria em apreço (Lições da África do Sul) foi o de que “temos que aprender com os erros dos outros”. Este foi o ponto chave da argumentação jornalística, que apontou para a necessidade de listar todas as mazelas da organização da Copa na África do Sul, para que se planeje a do Brasil sem os mesmos problemas.

## **2.4. Questões Econômicas que envolvem a Copa no Brasil**

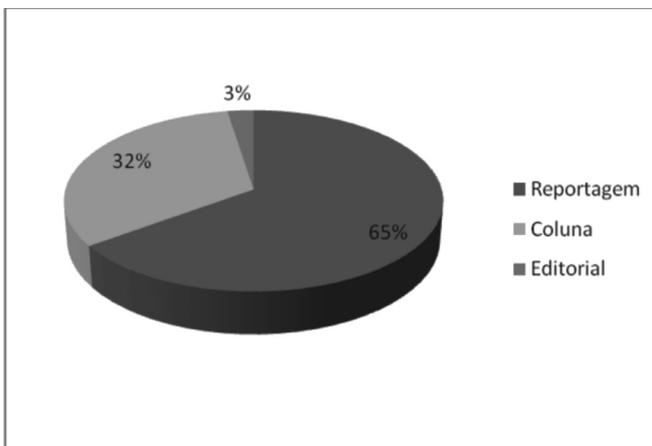
A proximidade da data de início da Copa 2010, na África do Sul, intensificou consideravelmente as especulações jornalísticas a respeito da Copa 2014, a ser realizada no Brasil. Apesar da satisfação e orgulho manifestados por posicionamentos de políticos e personalidades brasileiras, repercutidos midiaticamente, também é possível perceber a preocupação de especialistas, repórteres e colunistas com a viabilidade do evento, com o desenvolvimento das propostas e o direcionamento das ações políticas, econômicas e comerciais dos patrocinadores do megaevento. Os apontamentos

prioritários definidos pela FIFA, as exigências no cumprimento de prazos das obras, definições orçamentárias e necessidades legislativas tornaram necessária a elaboração de uma categoria de análise específica para as questões econômicas.

Nessa categoria de análise estão as matérias da FSP referentes aos enredos que permeiam o processo de planejamento, orçamento e de execução de políticas econômicas ligados à Copa 2014, exceto o que diz respeito especificamente ao tema dos estádios, que tem categoria própria para análise. A categoria questões econômicas abrange um total de quarenta (40) matérias, representando quase 10% do total de matérias analisadas no estudo.

No que se refere ao gênero jornalístico, pode-se observar no gráfico abaixo que a distribuição das matérias ressalta significativa predominância de reportagens (26 ou 65%), seguido de colunas em número um pouco menor (13 ou 32%), e de um (01) editorial sobre o assunto (3%). Vale destacar que em várias oportunidades pôde-se observar que matérias divulgadas em reportagens eram na sequência repercutidas em colunas do jornal. Essa complementação entre os dois gêneros, que representa uma espécie de diálogo entre reportagem e texto opinativo acerca de um assunto, associando informação e análise crítica, é da essência do jornalismo impresso, repercutindo na formação de opinião do leitor.

**Gráfico 2:** Distribuição das Matérias por Gênero Jornalístico



Partindo da abordagem geral dos registros, foram estabelecidos os seguintes eixos de discussão: a) previsão de gastos e gestão dos recursos nacionais e da FIFA para a Copa 2014; b) o país-sede como foco de patrocinadores e investidores, nacionais e internacionais; c) embate entre a FIFA, Governo Federal e Congresso Nacional acerca das exigências de isenção fiscal e exclusividades para parceiros e patrocinadores.

A identificação destes eixos temáticos permite que as matérias analisadas sejam reunidas e discutidas a partir de elementos comuns presentes nos textos, lembrando que a distribuição das matérias nos eixos não foi por exclusividade, isto é, cada matéria poderia conter, em sua redação, aspectos que fossem abordados em mais de um eixo temático.

*a) Previsão de gastos e gestão dos recursos nacionais e da FIFA para a Copa 2014*

Previendo-se as dificuldades em se realizar um megaevento esportivo em um país em desenvolvimento, destaca-se, ainda mais, a importância de um bom planejamento orçamentário e legislativo, com isso, esse eixo temático trava um diálogo entre a informação, a crítica e a opinião.

Ao eixo temático ligam-se nove (9) matérias, representando 19,1% do total de matérias da categoria. O eixo apresentado se mostra com uma densidade de informações e qualidade discursivas muito altas, o que promove uma discussão muito interessante do ponto de vista crítico. Em relação à distribuição das matérias de acordo com os gêneros jornalísticos, identifica-se um equilíbrio entre a presença de reportagens e colunas, sendo cinco (5) reportagens e três (3) colunas, ressaltando ainda a presença de um (1) editorial, bastante relevante. Outro aspecto passível de discussão é a coincidente periodicidade das ocorrências ligadas ao tema com a data de realização da Copa do Mundo 2010: as matérias foram publicadas entre 11/06/2010 e 12/07/2010. Tal concomitância pode indicar que o desempenho organizacional da África do Sul ao longo do Mundial 2010 pode ter suscitado a preocupação do jornal com a qualidade dos planejamentos gerais, orçamentários e legislativos apresentados pelo Brasil até aquele momento para a realização da Copa 2014.

Partindo daí, foram identificados dois assuntos principais para o debate do tema: a) o investimento da FIFA para a realização da Copa 2014 no Brasil e suas principais responsabilidades de suprimento; e b) a discussão sobre o orçamento geral e do planejamento legislativo apresentado pelo país, suas deficiências, a repercussão delas quanto à corrupção e superfaturamento das obras.

O orçamento brasileiro, apesar de incompleto, já prevê um gasto muito maior do que o despendido pela África do Sul. Nem por isso a participação da FIFA na organização financeira do Mundial de Futebol em 2014 será mais expressiva do que em outros mundiais. A redução no investimento financeiro da FIFA para a realização da Copa 2014 é atestada no modesto montante de R\$ 2,55 bilhões que o COL (leia-se: a CBF) deverá receber nesses quatro anos que antecedem a realização do megaevento, o que representam apenas um sétimo (1/7) do que o Brasil prevê oficialmente investir no mundial. Levando em conta a inexatidão dos planejamentos e orçamentos apresentados pelo Brasil à FIFA, junto à imprevisibilidade de gastos (possivelmente muito superiores aos valores praticados atualmente no mercado), o valor investido pela FIFA pode tornar-se ainda menos expressivo. Apesar dessa constatação, a FIFA lucrará muito com a Copa 2014, conforme a FSP: *“O total de gastos da FIFA no Brasil-2014 também representa 36,4% do total de suas receitas previsto para o período. Em compensação, a Copa é responsável por gerar 92% das rendas da entidade, que devem totalizar R\$ 7 bilhões em quatro anos”* (FSP, p. D4, 11/06/2010). Observa-se, pois, que a FIFA está pretendendo lucrar com seus investimentos no país da Copa, deixando para investidores e, sobretudo, o governo brasileiro, o custo real dos investimentos para um evento dessa magnitude.

O montante investido pela FIFA deve ser utilizado para atender suas responsabilidades de função: a operação e venda dos ingressos, que custará R\$ 103 milhões; a premiação das seleções participantes da fase final da competição, que custará R\$ 836 milhões; a construção do escritório da FIFA no Brasil, que deverá custar, inicialmente, R\$ 29,5 milhões (FSP, p. D4, 11/06/2010). Somente o restante do valor poderá ser investido em outros gastos gerais, excluindo aeroportos e segurança que, segundo Jérôme Valcke, Secretário Geral da FIFA, é responsabilidade do governo brasileiro.

A FIFA tem total interesse em operar integralmente o processo da venda dos ingressos, considerando que, desde 2006, segundo fontes consultadas pela Folha, a renda dos ingressos não é mais partilhada com o COL. A estratégia para as vendas no Brasil para 2014, porém, continua indefinida, já que o sistema de negociações da *Match* (parceira da FIFA) não funcionou bem na África do Sul, com grandes “filas vivas” e postos na internet sem procura. Para Valcke, o mercado do Brasil precisa ser estudado: “A venda de ingressos é muito complicada. Vamos olhar mais de perto dessa vez e melhorar o sistema. Uma coisa é organizar uma Copa na Europa. Outra coisa é organizar fora da Europa. A operação é diferente pelas distâncias” (FSP, p. D4, 11/06/2010). Apesar de manter essa parceria, é possível perceber a preocupação da FIFA com uma nova falha de operação. Com investimento modesto, a FIFA espera não correr grandes riscos quanto aos seus rendimentos.

Outros dois problemas discutidos pela FSP, a partir do orçamento brasileiro apresentado para a Copa 2014, são os “furos” e as imprevistos. Partindo da premissa de que um planejamento é feito para prever gastos e despesas, não apenas lucros, as matérias indicam que o país está desfocado. No documento, não faltam informações alusivas ao crescimento vertiginoso dos setores econômicos do país-sede em consequência da realização do mundial de futebol; inclusive podem ser observados dados específicos divulgados pelo governo brasileiro no “Portal da Transparência”<sup>13</sup>. No entanto, duas reportagens, separadas por apenas uma semana, servem para demonstrar como há imprecisão no que se refere ao orçamento geral: na primeira, se afirma que “a atual previsão de gastos para o segundo mundial no Brasil gira em torno de R\$ 17 bilhões, incluindo transporte, infraestrutura, estádios e aeroportos” (FSP, p. D9, 05/07/2010). Já a segunda reportagem mostra que “África do Sul gasta R\$ 8,4 bilhões, Brasil já prevê R\$ 33 bilhões”. (Caderno especial, FSP, 12/07/2010)

Para colonistas da FSP, o governo brasileiro não teria ainda clareza de quanto vai despende, efetivamente, na Copa 2014:

*Até agora, o país não sabe quanto vai gastar para organizar o próximo mundial – nem em quê. O Governo Federal fala em R\$ 22 bilhões, mas é chute, à espera dos*

13 [www.portaltransparencia.gov](http://www.portaltransparencia.gov)

*aditivos para contratemplos imprevistos. Isso porque os projetos de infraestrutura e transporte ainda não estão detalhados. Os de segurança sequer foram esboçados.* (Melchiades Filho, FSP, p. A2, 06/07/2010)

A negligência com o detalhamento dos planejamentos e orçamentos aumenta a desconfiança, fundamentada em situações anteriores como o Pan/2007, quanto à intenção desse descaso, a gerar suspeitas de corrupção e superfaturamento nas obras da Copa 2014. Tal posicionamento pode ser observado tanto em reportagens quanto em colunas, acrescentando-se ainda a ampla crítica colocada em editorial sobre o tema: *“Como o calendário não se moverá, os atrasos, já em cena, apenas conspiram para que os recursos públicos sejam consumidos de maneira inadequada, em meio a imprevistos e atropelos”* (Editorial, FSP, p. A2, 11/07/2010). Os colunistas, em particular, oscilam entre a opinião sarcástica e a crítica enfática. Observemos alguns exemplos:

*Nós não faturamos a Copa de 2010, mas já estamos superfaturando a Copa de 2014!* (Coluna José Simão, FSP, p. D13, 06/07/2010)

*Tanta indecisão parece proposital. Serve para os envolvidos arrancarem mais dinheiro estatal, não? No mínimo impede o poder público de fechar planilhas e fixar o cronograma de desembolsos. Além disso, se as coisas tardam a acontecer, os órgãos de fiscalização tardam a se mexer. Os sites dos tribunais de contas sobre a Copa, por exemplo, continuam zerados. É má-fé, e não só ingenuidade, esperar que a iniciativa privada cuide de filtrar os vícios do processo.* (Melchiades Filho, FSP, p. A2, 06/07/2010)

A partir da leitura do referido material jornalístico, é possível perceber o apontamento para as obras de infra-estrutura urbana, segurança e estrutura aeroportuária como as mais “esquecidas” pelo planejamento e, portanto, também suscetíveis a superfaturamentos; enfim, a pressa pode consolidar os atropelos, ávidos pelo lucro nem sempre legalmente obtido.

Um ponto importante para essa discussão temática foi a publicação de uma reportagem, informando sobre possível mudança na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) de 2010, suas repercussões e consequências. Segundo a fonte consultada, uma mudança

feita no texto da referida Lei retiraria os mecanismos habituais de controle do Tribunal de Contas da União (TCU) sobre as obras da Copa 2014, dos Jogos Olímpicos e da Petrobras que recebessem investimentos do Governo Federal, o que dificultaria a identificação de superfaturamentos e sobrepreços (FSP, A10, 03/07/2010). O desenrolar dessa história gerou polêmicas, incluindo a divulgação de que a oposição se recusaria a votar a LDO caso o texto referido não fosse modificado. Esse tipo de iniciativa governamental, sob o argumento da imprensa, mostra o risco da criação de “brechas legislativas”, permissivas à corrupção e a associações de construtoras fraudulentas, que fazem acordos antes das licitações, superfaturam os contratos e repartem a execução dos projetos e o dinheiro recebido para a execução dos mesmos. O alerta é do colunista:

*O Planalto chegou a formar uma comissão de burocratas para coibir a atuação desses consórcios paralelos de empreiteiras a assegurar lisura das concorrências da Copa-2014. Mas é difícil acreditar no comprometimento contra a corrupção de um governo que por ora não fez senão atender e bajular os cartolas. (Melchades Filho, FSP, p. A2, 06/07/2010)*

A preocupação expressada pelos jornalistas é totalmente pertinente ao contexto nacional, partindo do atestado de incompetência fiscalizadora que é assinado todos os dias pelas instituições brasileiras junto a obras extremamente menores que são igualmente superfaturadas. Apesar das críticas se apresentarem de forma ostensiva nas colunas, o editorial foi mais brando, colocando ao final de sua redação uma expectativa favorável: “*Ainda há tempo para a sociedade exercer pressões e impedir que essas grandes festas esportivas se vejam manchadas pela incúria e pela irresponsabilidade de políticos e aproveitadores.*” (Editorial, FSP, p. A2, 11/07/2010)

*b) O país-sede como foco de patrocinadores e investidores, nacionais e internacionais*

Imprevisões de gastos e medidas legislativas nacionais preocupam os organizadores da Copa 2014 e, por consequência, os veículos midiáticos que acompanham os fatos e discursos. Somando a esse contexto o posicionamento da Folha de que a FIFA não desembolsará valor representativo para a realização da Copa 2014 no Brasil, cresce a importância da discussão acerca dos verdadeiros investidores e patrocinadores para o segundo mundial em solo

brasileiro. Tal necessidade, promoveu a elaboração deste eixo, ao qual se ligam dezoito (18) matérias, representando 38,29% do total de matérias integrantes da categoria questões econômicas. A distribuição das matérias de acordo com o gênero jornalístico mostra a predominância de reportagens (13) sobre colunas (5), sendo o eixo mais representativo da categoria, em termos de quantidade de matérias.

Com relação aos assuntos em discussão, podemos citar: 1) Os patrocinadores da Copa 2014; 2) a expansão de mercado empresarial e de embaixadas no Brasil, por conta da realização da Copa 2014.

Questionados sobre os patrocinadores oficiais da Copa 2014, a FIFA declarou que os contratos comerciais já assinados para a Copa do Mundo no Brasil em 2014 superam muito os resultados obtidos pela África do Sul para o mesmo período de organização: *“O secretário geral da FIFA, Jerome Valcke, justifica essa superioridade de investimentos pelo tamanho e força maiores das empresas brasileiras”* (Caderno de Esporte, Folha on line, 20/03/2010). Tal afirmativa não corresponde à realidade, uma vez que a parte majoritária dos investimentos virá do Governo Federal e de empresas estrangeiras multinacionais. Poder-se-ia, talvez, dizer que o Brasil tem empresas nacionais com força relativa maior que as da África do Sul; porém, afirmar que os investimentos predominantes serão deste setor é, no mínimo, uma tentativa de evitar reconhecer o principal bolso acionado para sediar esse Mundial, que é o do brasileiro, por meio das verbas públicas.

O otimismo em relação aos investimentos financeiros para a Copa 2014 pode ser resultado dos ganhos que a FIFA alcançou com a Copa 2010 na África do Sul:

*A entidade anunciou que, pela primeira vez, quebrou a barreira do US\$ 1 bilhão, chegando mesmo a US\$ 1,059 bilhão, impulsionada, sobretudo, pela venda de direitos comerciais. O lucro somou US\$ 196 milhões.”* (Caderno Esporte, Folha on line, 20/03/2010)

Relacionando esses ganhos com o fato de que a FIFA vinha sofrendo contestações e especulações de que a África do Sul seria uma sede pouco rentável à entidade, as expectativas com o Brasil parecem crescer, junto à ideologia de que o Brasil, “gigante

adormecido”, despertará para o mundo e trará muita prosperidade à FIFA. Pensando no contexto dessas afirmações e previsões com as datas em que foram manifestadas no jornal e, ainda, em como se encontra a preparação do Brasil, hoje, para o Mundial 2014, é possível perceber um contraste entre o lucro de uma organização eficiente, bem sucedida e em um país que não gerou grande entusiasmo quanto ao fator financeiro; e a promessa de um megaevento pretensioso em um país considerado “promissor”, pólo econômico entre os países em desenvolvimento, com amplo mercado e com alto perfil consumista.

A FIFA manteve pouco divulgado os nomes dos principais patrocinadores da Copa 2014, durante o período investigado na FSP. O jornal, no entanto, fez alguns apontamentos: HBS e SONY em parceria<sup>14</sup>, Nike e a empresa brasileira Oi. Sobre esta, talvez por ser a primeira grande empresa brasileira a fazer parte do conjunto de patrocinadores globais da Copa 2014, constatou-se uma significativa repercussão em coluna e reportagem: *“Vamos dar o tempero brasileiro na Copa. Com essa parceria mostramos também a intenção de internacionalizar a marca, disse o presidente da Oi, Luiz Eduardo Falco.”* (Dinheiro, FSP, p. B6, 23/03/2010)

Pensando em lucrar com a Copa 2014, as empresas internacionais estão se preparando para canalizar, da maneira mais lucrativa possível, o fluxo turístico e comercial. As reportagens da FSP destacam: o Banco Santander que *“vai investir R\$ 450 milhões na construção de um centro de dados e de pesquisa em tecnologia bancária, no Brasil, que dará suporte ao crescimento da empresa no país”* (Mercado, FSP, p. B6, 11/06/2010); o Mc Donald’s, já divulgado como uma das seis (6) marcas globais da Copa 2014, que deseja expandir sua rede de restaurantes para todo o Brasil, com ênfase em Minas Gerais, estados do Norte e do Nordeste do país, que vem se consolidando como clientes em potencial nos últimos anos (Dinheiro, FSP, p. B10, 24/03/2010); e a Redecard que *“fechou mais parcerias com o fundo imobiliário, buscando ganhar clientes ampliando o uso de cartões de débito e crédito no mercado brasileiro. Além de aguardar os turistas que virão para cá com o*

14 Responsáveis pelas transmissões de TV da FIFA em 3D dos 64 jogos da Copa 2014. (Painel FC, Caderno Esporte, FSP, p. D12, 12/07/2010)

*evento, permitindo que usem a rede enquanto estão por aqui". (Mercado, FSP, p. B6, 16/06/2010)*

Outro destaque é a empresa Nike, que, após anunciar que lidera mercado esportivo em 2010, superando a Adidas, demonstra que pretende fabricar mais no Brasil, alegando que os preços para seus produtos para o consumidor brasileiro são muito altos. *"A Nike sempre foi uma marca ligada à criatividade, e o Brasil, a marca do jogo bonito, da emoção. As duas combinaram muito bem"* (Charlie Denson, um dos CEO's da Nike, em entrevista à FSP, Folha on line, Dinheiro, 01/03/2010). Porém, nem tudo são flores para a aceitação da Nike no Brasil. O escândalo com a CBF, em 1998, gera desconfianças entre os jornalistas, o que fica evidente no seguinte trecho da mesma reportagem citada: *"Denson promete começar a ver o Brasil não apenas como fornecedor de história esportiva e mão de obra qualificada, mas também como mercado consumidor prioritário". (Dinheiro, FSP, Folha on line, 01/03/2010)*

As embaixadas internacionais devem aumentar seu número de sedes no Brasil por conta da realização da Copa do Mundo 2014, *"Mercado aquecido e projetos de infra-estrutura fazem com que o país vire alvo das diplomacias das principais economias do mundo". (Dinheiro, FSP, p. B1, 03/05/2010)*

A Bolsa de valores brasileira também aguarda ganhos financeiros com a Copa 2014 de Futebol e as Olimpíadas 2016, o que pode ser observado na seguinte citação:

*A bolsa de valores lançou uma série de fundos para a aplicação em ações de empresas que tendem a se beneficiar com os dois eventos. A maioria deles é focada em papéis de companhias de infra-estrutura e logística: como siderurgia, energia elétrica, saneamento, telecomunicações, transportes, indústria de base e construção civil. (Caderno Mercado, FSP, p. B7, 05/07/2010)*

Enquanto as empresas internacionais detêm-se em preparativos para avaliar qual a melhor estratégia para se posicionar corretamente no mercado brasileiro em função da Copa 2014, ao que parece as empresas empreiteiras se revezam para ver quem se aproveita mais das brechas na legislação para o superfaturamento das obras.

*c) Embate entre a FIFA, Governo Federal e Congresso Nacional acerca das exigências de isenção fiscal e exclusividades para parceiros e patrocinadores*

O embate FIFA *versus* Governo Federal foi pautado na FSP por aproximadamente três meses (entre 06/03/2010 e 31/05/2010), período em que identificamos 13 matérias (27,65% da categoria), sendo oito (8) reportagens, todas no caderno *Esporte*, e cinco (5) colunas, todas no caderno *Ilustrada*. Tais confrontos se tornam mais frequentes na medida em que o evento se aproxima e as obras parecem não sair do papel. As questões mais polêmicas dizem respeito à isenção fiscal à FIFA e seus parceiros.

Por envolver valores monetários de grande proporção, as isenções entraram na pauta muito antes da realização do evento, na verdade desde 2007, conforme anuncia o matéria da FSP intitulada “*FIFA pensa em 2014 desde 2007*”<sup>15</sup>. A reportagem destaca que mais de 60 marcas relativas à Copa 2014 tiveram solicitação de registro no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), cujo objetivo é lucrar com a sua exploração em variados itens (FSP, p. D5, 06/03/2010). Em 2009, esse mercado se agita quando o INPI divulgou a confirmação dos pedidos de registro. A polêmica gira em torno da utilização de slogans associados ao ano de realização do evento. Estariam licenciados com exclusividade à FIFA as expressões “Brasil-2014”, “Copa 2014”, “2014 Cup” e “Mundial 2014”. Para proteger seus interesses a entidade conta com um escritório de advocacia que constantemente verifica a utilização e associação de produtos que utilizam a marca do evento sem autorização, tomando as medidas cabíveis.

Para garantir ainda mais seus interesses, outro trunfo da FIFA e do COL é o projeto de lei 394/09, de autoria do Senador Valdir Raupp (PMDB-RO), que garante exclusividade no uso público de 26 expressões que fazem menção à Copa 2014 e à Copa das Confederações 2013. O projeto prevê uma “*asepsia*” ao redor dos estádios sedes do evento, evitando que marcas não autorizadas tenham publicidade nestes locais. O proponente do projeto diz que segue “*as recomendações propostas pela FIFA.*” (FSP, p. D5, 06/03/2010)

---

15 Caderno Esporte, FSP, 06/3/2010.

Já a queda de braço entre a Receita Federal e FIFA se deu na “mesa de negociações” relativa à questão tributária do evento. O secretário geral da FIFA, Jérôme Valcke, veio ao Brasil para tratar das questões tributárias com o ministro Orlando Silva (Esporte). A visita, em abril de 2010, rendeu a aprovação do pacote de isenções à FIFA e seus parceiros após uma briga de mais de quatro meses com a Receita Federal, tendo como maior entrave a isenção fiscal referente aos materiais de construção para as reformas e construção dos estádios-sedes da Copa.

Antes da vinda de Valcke, Estados e Municípios, insatisfeitos com a demora do Governo Federal na liberação/regulamentação de isenções fiscais, iniciaram uma disputa por investimentos relacionados à Copa 2014; muitos começaram a criar isenções fiscais por conta própria, o que se deu por encerrado no momento que o Governo Federal resolveu e regulamentar a liberação em âmbito nacional. Até o final de março de 2010, não havia a expectativa de que a liberação fosse acontecer, como podemos observar nas palavras do Secretário de Fazenda da Bahia, Carlos Martins Santana, *“Meu sentimento é de que nem tudo que foi pedido será atendido”* (FSP, p. D2, 21/03/2010). Em contra partida, o Governo Federal assinou alguns documentos dando indicativos de algumas isenções. Conforme a Folha, tais documentos eram previstos no caderno de encargos da FIFA, nas especificações sobre *“taxas e impostos de alfândega”* e *“isenção geral de taxas”* (FSP, p. D2, 21/03/2010). Estava já prevista isenção de taxas para: importação de equipamentos relacionados à Copa; exploração do direito de marketing e de mídia; venda de ingressos; equipe de arbitragem; FIFA e parceiros financeiros; COL; rede oficial de transmissão de TV, etc.

O grande desafio do Governo Federal é provar que mesmo com a isenção fiscal concedida à FIFA e seus parceiros, abrindo mão de 900 milhões de reais em impostos federais, conforme o ministro Orlando Silva (FSP, p. D2, 27/05/2010,), o país obterá lucro com a realização da Copa. Segundo Bergamo, entre os benefícios anunciados por uma pesquisa encomendada pelo Ministério do Esporte estaria a criação de *“330 mil novos empregos entre 2010 e 2014 e outros 400 mil temporários durante o mês da copa do Mundo”*. (FSP, p. E2, 16/03/2010)

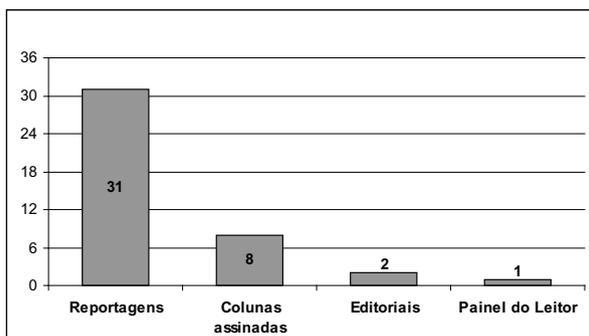
## 2.5. A Controversa Questão dos Financiamentos Públicos

A presente categoria surge das matérias recolhidas ao longo do período de coleta de dados da pesquisa, mas também da contradição observada a partir de declarações feitas pelo Presidente da CBF quando da nomeação de Brasil para sediar a Copa 2014<sup>16</sup>, na qual se referia à opção por um modelo de gestão da Copa com viés predominantemente privado, especialmente no que se referia aos estádios. No decorrer das análises da pesquisa, essas apreciações de Ricardo Teixeira foram se evidenciando como uma intenção (se é que realmente havia!) que não se sustentava, já que ao Governo Federal foi atribuído logo um papel principal na hora de financiar as obras necessárias ao evento; além de despesas com aeroportos, passou a promover empréstimos com juros subsidiados e isenções aos estados, prefeituras e até mesmo a empresas privadas.

Neste sentido, merece atenção diferenciada o financiamento público a empresas para a construção dos estádios, obras dos aeroportos e de mobilidade urbana, entre outros, por conta das alterações propostas na legislação de licitações e licenças ambientais.

As matérias recolhidas a respeito desta categoria totalizam quarenta e duas (42), sendo trinta e uma (31) reportagens, um (01) painel do leitor, dois editoriais (02) e oito (08) colunas, conforme pode ser observado no gráfico abaixo:

**Gráfico 3:** Distribuição das matérias conforme o gênero jornalístico

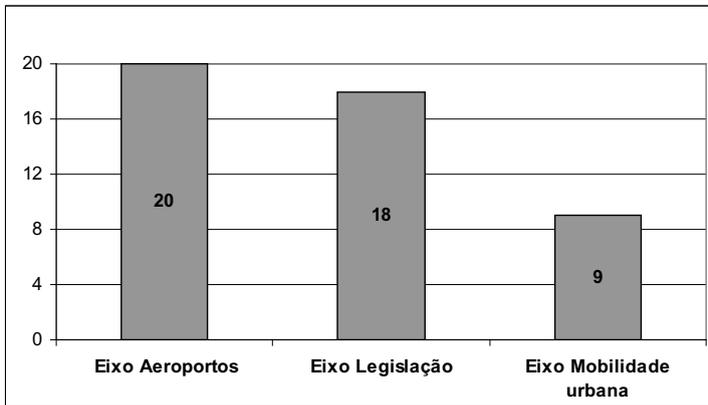


16 TEIXEIRA, Ricardo. *O modelo de gestão da Copa 2014*. Folha de São Paulo, Tendências e Debates, primeiro caderno, p. 03, 02/06/20008.

Este conjunto de matérias foi distribuído em três (03) eixos temáticos, os quais foram constituídos a partir da leitura e análise preliminar dos dados. O primeiro eixo corresponde às questões relacionadas aos aeroportos, cuja frequência das referências representa quase a metade do total de matérias, em número de vinte (20), sendo treze (13) reportagens, seis (06) colunas e um (01) editorial. O segundo eixo tem a ver com a legislação e as exceções tributárias necessárias para as licitações de obras, o que é referido em dezoito (18) matérias (14 reportagens e 04 colunas). O terceiro eixo está representado pelas matérias que tratam sobre o transporte terrestre e os planos de mobilidade urbana, temas presentes em nove (09) matérias, das quais sete (07) são reportagens e duas (02) colunas.

Essa distribuição das matérias por eixos é visualizada no gráfico abaixo:

**Gráfico 4:** Frequência de referência de cada eixo temático



Assim, descritos e quantificados os eixos temáticos, passamos a comentar cada um deles, começando pelo Eixo 1, que corresponde às questões em torno dos aeroportos, tanto no plano da situação atual, quanto das reformas que estão previstas, os financiamentos para as mesmas e o atraso nas obras, seguidamente apontado pela FIFA.

Além dessa preocupação manifesta pela FIFA, o tema dos aeroportos aparece como um fato prioritário para o Governo, já que

o mesmo reconhece que o estado dos mesmos está comprometido na atualidade. Em matéria do dia 03/03/2010, descreve-se que o crescimento do movimento nos aeroportos do país tem um ritmo acelerado, o que leva o Ministério de Turismo a defender a adoção de “medidas emergenciais”, para garantir a expansão da capacidade da rede. O Ministro Luiz Barreto afirma nessa matéria que:

*A Infraero tem feito um esforço grande para enfrentar este desafio, mas acho que temos que ter medidas emergenciais ao longo dos próximos anos, não só para 2014. (FSP, p. B12, 03/03/2010)*

Ao longo do período de coleta, observam-se matérias que tratam sobre o tema, com alguns períodos de destaque que surgem quando há comentários das autoridades da FIFA a respeito aos mesmos ou situações problemáticas acontecidas no âmbito local com o tráfego aéreo. Aparecem ainda pressões de empresários e as declarações que trazem a idéia de privatização das obras e do próprio setor (aeroportos):

*Em encontro de empresários brasileiros, ontem, houve pressão na questão dos aeroportos para a Copa-2014 e para os Jogos Rio-2016. O líder do grupo que reúne 44% do PIB privado do país, João Dória Jr., criticou a atuação do governo federal. “O mesmo governo que trouxe a Copa e a Olimpíada não cuida bem da questão aeroportuária”, disse, lembrando que há um conflito entre a posição dos ministros Nelson Jobim (Defesa) e Dilma Rousseff (Casa Civil). Segundo ele, a posição de Jobim, pró-privatização, é a correta. (FSP, p. D2, 10/03/2010)*

O segundo eixo, como já nos referimos, tem a ver com temáticas ligadas à legislação referente às licitações para a contratação das obras, concessão de empréstimos públicos, isenções de taxas e legislação ambiental.

Com relação a isto, em matéria de 20/05/2010, descreve-se que o Ministro de Esporte declarou que as regras para as licitações das obras da Infraero seriam flexibilizadas, como forma de poder ampliar os aeroportos dentro dos prazos da Copa 2014 e simplificar o rito das mesmas. Essa decisão acabou sendo incluída na Medida Provisória referente aos Jogos Olímpicos Rio 2016, que cria a Autoridade Pública Olímpica (APO), na qual o governo decidiu estender essa modalidade de licitação para a Copa, em relação aos

aeroportos. Segundo o Ministério de Defesa, tal medida não significa que não exista licitação, senão que se criam condições para a agilização dos trâmites das mesmas.

A respeito disso, relacionam-se os possíveis atos de superfaturamento e corrupção em torno das obras, a exemplo do ocorrido nos Jogos Panamericanos de 2007. Crítica neste sentido pode ser observada na coluna do jornalista Juca Kfourir:

*Era pedra cantada: começou a farra das obras sem licitação, com a desculpa de que está tudo atrasado, para a Copa do Mundo no Brasil. Foram liberados nada menos do que R\$ 5 bilhões, repita-se bilhões!, para a Infraero ampliar nossos terminais aeroportuários... Se não bastasse, vem aí a "Empresa Brasileira de Legado Esportivo S.A.", para cuidar de eventos como os Jogos Olímpicos do Rio, em 2016. E vem por medida provisória, como, pelo mesmo instrumento, se liberou o dinheiro que faz a Copa de 2014 decolar em vôo de brigadeiro, de general, de presidente, senadores, deputados etc., porque, afinal, só faltam quatro anos, e o regime de urgência é a salvação. (FSP, p. D3, 20/05/2010)*

Estes fatos se relacionam com os prazos das licitações, já que na maioria das matérias se fundamenta na necessidade de flexibilizar ou criar exceções para poder contratar as obras. Na raiz da crítica, está o possível atraso proposital do governo em dar início às obras, o que justificaria a medida tomada, diante da situação de urgência criada de forma suspeita.

Por último, o terceiro eixo a destacar está relacionado ao transporte terrestre público, em cujo plano se encontram as obras previstas de metrô em cidades-sede, como Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, o projeto de trem-bala Campinas-São Paulo-Rio de Janeiro e outras questões referentes à mobilidade urbana.

Sobre este ponto é pertinente fazer referência à matéria que discute a opção do governo de deixar a cargo do ganhador da licitação do projeto do trem-bala decidir sobre a possibilidade de inaugurar algum trecho antes da Olimpíada Rio 2016, ou até mesmo da Copa 2014. Nessa matéria, aparece uma análise especial de Carlos De Faro Passos, consultor empresarial e professor da FGV-SP, que

reflete sobre as intenções políticas do projeto, no marco das eleições presidenciais e questiona a prioridade do projeto ante outros problemas a resolver antes da Copa 2014, no trânsito do entorno da cidade de São Paulo.

*O trem-bala é o principal projeto eleitoral da candidata Dilma, “a mãe” do PAC. Se implantado irá custar mais de R\$ 33 bilhões, ou seja, quase o dobro da polémica hidrelétrica de Belo Monte (R\$ 19 bilhões). [...] O governo pretende criar uma estatal que assumirá 33% do empreendimento. [...] Será o trem-bala uma obra prioritária? Certamente existem vários outros projetos prioritários nas 12 cidades sede da Copa 2014, que exigirão de R\$ 60 a 110 bilhões de investimentos. Na região metropolitana de São Paulo temos projetos mais importantes, como a conclusão do Rodoanel. (FSP, p. B3, 14/07/2010)*

Todas as matérias correspondentes a esse eixo temático têm a particularidade de se centrar preferencialmente nas obras de ampliação ou criação de novas redes de metrô na cidade de São Paulo e a relação destas com as vias de chegada e saída do país, ou seja, os aeroportos (primeiro eixo temático da presente categorização).

## **2.6. Turismo e outros temas pontuais no agendamento da Copa no Brasil**

O turismo é uma das razões centrais para a expansão financeira e do mercado brasileiro em função da Copa 2014; portanto, não poderia faltar discussão referente ao planejamento turístico e a repercussão causada pela expectativa de aumento do fluxo de estrangeiros no país como parte dos processos de agendamento da Copa na FSP. Foram apenas cinco (05) reportagens, mas ainda assim, é possível enunciar dois eixos principais comentados nas matérias em relação ao turismo: a) a possível herança (legados) que ficará do crescimento turístico causado pelo Mundial; e b) as alternativas de diversão e ampliação do entretenimento para os novos turistas.

Se por um lado a infraestrutura urbana, aeroportuária, naval e dos estádios, juntamente com o setor de construção civil e comercial, são os setores cujo investimento brasileiro deverá ser maior no enorme orçamento da Copa 2014, trazendo sérias despesas para o

país como um todo, por outro, o turismo é um dos setores em que se espera maior lucro e expansão como herança desse mundial.

Segundo o então ministro do Turismo, Luiz Barreto, espera-se mais de oito (8) milhões de turistas para a Copa 2014. A principal origem desses visitantes é a América Latina, devido à proximidade territorial e familiaridade cultural. Para acomodar bem todos esses viajantes ansiosos pelo megaevento, será necessário um grande investimento na rede hoteleira das cidades-sede e de todo o país. A expectativa é que tais investimentos para a Copa 2014 sejam recompensados em função do evento e, mais que isso, que seus benefícios possam ser duradouros para o Brasil, como têm sido para todos os anfitriões das últimas Copas do Mundo, como afirma Barreto em sua entrevista à FSP: *“vai ser um crescimento paulatino, mas que não volta ao patamar anterior. O patamar de 8 milhões de turistas em 2014 não regride, porque vamos melhorar. O Brasil vai ser um país melhor.”* (FSP, p.15, 27/05/2010)

Quem concorda com o otimismo de Luiz Barreto é Guilherme Paulus, fundador da CVC, maior empresa de turismo e viagens do Brasil, agora controlada pelo grupo norte-americano Carlyle - talvez a própria compra da CVC pelo grupo Carlyle, a alguns anos da Copa, possa ser considerada um exemplo de negócios promovidos em função da Copa 2014 no Brasil. Em entrevista, ele afirmou acreditar nos benefícios da Copa 2014 para a infraestrutura geral do país: *“O legado de uma Copa do Mundo está provado. A Alemanha já era um país desenvolvido e se desenvolveu ainda mais em termos de transporte com a Copa 2006 e o turismo para eles voltou. Estamos vendendo mais Alemanha na CVC.”* (FSP, p. D4, 01/03/2010)

Outro aspecto da entrevista dada por Paulus é quanto à intenção da empresa em expandir sua área de atuação para toda América Latina nos próximos anos e estreitar os laços com os países vizinhos ao Brasil. Não por acaso: com toda a estrutura que o Brasil vai aprontar para receber o aumento do fluxo de turistas na Copa 2014, é preciso pensar maneiras de cativar esses turistas para continuarem frequentando o Brasil após os megaeventos.

Além de Paulus, já há empreendedores e consultores incentivando investimentos alternativos para manter o fluxo de turistas provenientes da Copa 2014 por muitos anos seguintes. É o caso de

Fabio Giambiagi, economista do BNDES, que sugeriu a criação da Rio-Disney. Para ele, o Brasil precisa se reinventar após o mundial, a fim de garantir como legado da Copa o fluxo grandioso de turistas e a funcionalidade de toda uma estrutura turística e hoteleira criada para sediar o Mundial. Conforme Giambiagi, a proximidade com os vizinhos latinos “*seria uma maneira de impulsionar o fluxo de turistas da América do Sul. Há uma classe média na Argentina, no Chile, na Colômbia e no Peru que leva os filhos para Orlando uma vez na vida e que poderia aproveitar o parque RioDisney para vir com mais frequência ao Rio.*” (FSP, p. B10, 16/05/2010)

Esse tipo de turismo, que poderia ser classificado como “de ocasião”, reforça a idéia latente ao longo da pesquisa de que a realização dos megaeventos esportivos no Brasil (neste caso, a Copa do Mundo da FIFA) é visto, pelo mercado financeiro nacional e internacional, como um imenso campo de oportunidades de acumulação para o capital investido em serviços e produtos de consumo, destinado sobretudo às classes mais aquinhoadas, nacionais e sobretudo internacionais.

Além do turismo, essa categoria contempla igualmente matérias que abordam temas mais pontuais, mas não de menor importância sobre o Mundial. Designam-se temas pontuais porque sua característica principal é o fato de serem assuntos abordados com destaque e repercussão em dados momentos, mas que não perderam durante toda pesquisa. Essas matérias estão presentes nos quatro meses pesquisados, mas em especial durante o mês de julho, coincidentemente com o período de realização do Mundial da África do Sul.

As 92 (noventa e duas) matérias identificadas apontavam para questões pontuais relativas ao evento, abrangendo temas como a eleição do Clube dos 13 e a disputa política por trás da votação; sobre as questões técnicas de esporte, como convocação de jogadores para o próximo mundial, a permanência de outros nas seleções, a escolha dos técnicos e entre outras; sobre a polêmica do Rio de Janeiro com os demais Estados devido à divisão dos royalties do petróleo e do pré-sal; os possíveis Legados da Copa 14, inclusive com vistas aos Jogos Olímpicos 2016; os confrontos discursivos do governo federal com a FIFA (e CBF) e entre outros.

É importante ressaltar que diversas reportagens acerca desses temas repercutiram nos textos dos colunistas do jornal, o que colabora para demonstrar a importância de tais eixos.

O primeiro eixo a ser analisado são as questões técnicas do esporte, onde tanto os assuntos que aparecem nas matérias quanto nas colunas referem-se à convocação de jogadores pra seleção brasileira, como a polêmica que Dunga causou ao não chamar Ganso e Neymar para a Copa 2010. Na coluna assinada por Tostão (p. D3, 17/03/2010), ele comenta o ocorrido e já os considera convocados para 2014. As demais reportagens também comentam o caso e criticam Dunga por não convocar jovens talentos brasileiros, o que teria gerado um legado nulo para o próximo mundial, quando a seleção terá que ser renovada.

Principalmente após a derrota da seleção do técnico Dunga no Mundial 2010, os comentários gerados foram a respeito do possível novo treinador da seleção, no qual o nome mais cogitado foi de Luiz Felipe Scolari, pelo seu respaldo diante da torcida e também da mídia. Isto porque Dunga entrou em conflito com a mídia numerosas vezes, e Ricardo Teixeira, como presidente da CBF e parceiro da emissora Globo no Mundial 2014, precisaria contratar um treinador que privilegiasse a emissora, segundo a coluna Paineis FC. (p. D7, 27/06/2010)

Outro eixo que aparece com grande importância nas colunas e reportagens, mas não com grande frequência durante toda a pesquisa, é a turbulenta eleição para a presidência do Clube dos 13, associação que reúne os 20 principais clubes brasileiros. Aparentemente sem relação com o agendamento da Copa 2014, por trás dessa eleição havia uma importante desavença política, que envolvia a escolha (ou não) do Morumbi, estádio do São Paulo, como sede da abertura da Copa do Mundo de 2014.

O candidato à reeleição Fábio Koff, presidente do Clube dos 13 desde 1996, teve o apoio do seu vice, presidente do São Paulo, Juvenal Juvêncio; enquanto que seu opositor, Kléber Leite, publicitário e ex-sócio do presidente da CBF, além de ex-presidente do Flamengo, contou com o apoio de Ricardo Teixeira, e também foi abertamente amparado pela Globo Esportes e a Traffic, empresa de marketing associada à CBF.

A eleição ocorrida no dia 12 de abril de 2010 foi vencida pela chapa de Koff, e logo após o resultado, Teixeira comentou da possibilidade do estádio do Morumbi não ter a abertura da Copa-14, como represália direta a Juvenal Juvêncio, presidente são-paulino, contrário ao seu candidato, Leite. Teixeira declarou que a cidade de São Paulo, de fato, não poderia ficar de fora do Mundial, mas não assegurava a realização da abertura do Mundial no Morumbi.

Sendo assim, pensaram-se possíveis alternativas para a cidade de São Paulo não ficar fora das cidades-sede da Copa, e especulações a respeito da construção de um novo estádio para o Corinthians ou de uma arena para o Palmeiras foram averiguadas, lembrando que os dois são os times de maior destaque na cidade juntamente com o São Paulo.

Novamente a questão política entrou em jogo e foi decisiva, já que o presidente do Palmeiras, Luiz Gonzaga Belluzo, apoiou Fábio Koff nas eleições e foi contrário a Ricardo Teixeira, assim como Juvenal Juvêncio. Logo, confirmou-se posteriormente a escolha pela construção do novo estádio do Corinthians em Pirituba para sediar a abertura do Mundial-14. Aqui também vale ressaltar a proximidade entre Ricardo Teixeira e o presidente do Corinthians, Andres Sanchez, que no caso da eleição do Clube dos 13 concorreu como vice de Kléber Leite. Sanchez ocupou, a convite de Teixeira, o cargo simbólico de chefe da delegação brasileira na África do Sul.

O terceiro eixo de destaque é quanto às expectativas criadas para 2014. Um dos assuntos pontuais que apareceram com grande repercussão, mas que logo foi esquecido pela nação, foi a eliminação do Brasil do Mundial da África do Sul. Após o ocorrido houve um período em que matérias e colunas comentavam a respeito da derrota da seleção, mas ao mesmo tempo já anunciavam que o próximo mundial será realizado no país e que a vitória da equipe brasileira será necessária, uma vez que será disputada em casa e que não se admite uma derrota como na Copa de 1950, primeira edição ocorrida no Brasil, quando o país não levou o título.

Como exemplo, um trecho do colunista Juca Kfourri que argumenta:

*[...] os brasileiros não tem a obrigação de ganhar todas as Copas que disputam. Se ganharem uma a cada três, estará de bom tamanho. E a próxima, a 20ª, no Brasil, tem a cara*

*do hexacampeonato, o que permitirá quase atingir tal média.*  
(FSP, p. D3, 03/07/2010)

Além das expectativas quanto à vitória e conquista do hexacampeonato da seleção brasileira no Mundial 2014, já que a competição será em território nacional, a Copa também inspira ganhos financeiros no país.

A realização da Copa no Brasil movimentou os negócios, logo, provocou o lançamento de uma série de fundos para aplicação em ações de empresas que tendem a se beneficiar com o evento. A maioria desses fundos é focada em papéis de companhias de infraestrutura e logística, como saneamento, energia elétrica, siderurgia, telecomunicação, transportes, indústria de base e construção civil, conforme matéria. (FSP, p. B7, 05/07/2010)

Ainda dentro das expectativas em relação ao Mundial 2014, outro eixo da categoria é referente aos possíveis legados que a competição deixará ao país, e que aparecem durante todos os meses de análise do jornal.

A maior preocupação é referente aos estádios que serão construídos para os jogos da Copa no Brasil, principalmente em algumas sedes sem tradição no futebol, como Manaus, Cuiabá e Brasília, e que correm o risco de serem subutilizados após o evento, denominados como possíveis “elefantes-brancos” no pós-Copa 2014. Há reclamações quanto à falta de planejamento detalhado sobre qual seria a destinação das arenas após o Mundial.

A preocupação dos estádios tornarem-se subutilizados é eminente, principalmente nas localidades onde o futebol não é desenvolvido. Há quem diga então que a alternativa cabível é apostar no uso dos estádios para shows e eventos para empresas, ou optar pela sugestão mais drástica, demolir as arenas que não derem lucro, segundo o professor e catedrático da Universidade Técnica de Lisboa, Augusto Mateus, ex-ministro da economia, em entrevista a Folha, que viu seu país ser sede da Eurocopa há seis anos e hoje pagar a conta dos estádios construídos ou reformados para a competição. (Caderno especial, FSP, p.10,12/07/2010)

Outro possível legado da Copa 2014 é em relação à TV móvel e seus dispositivos como, por exemplo, celulares, televisores portáteis, aparelhos de GPS e receptores para computadores. A Copa

2010 foi a primeira com transmissão digital e espera-se que até a Copa no Brasil a recepção do sinal cubra 100% das cidades do país e que seja item indispensável nos celulares, uma vez que, segundo Rodrigo Ayres, gerente de produto de celular da LG em entrevista a Folha, afirmou:

*O brasileiro troca de celular, em média, a cada 18 meses. Se você pensar que até a próxima Copa haverá dois ciclos de transição de produto, a penetração da tecnologia deverá ser muito mais maciça. (FSP, p. D3, 28/04/2010)*

Segundo coluna assinada pelo publicitário Nizan Guanaes, a Copa 2014 é um evento global que tem o poder de organizar uma nação:

*Um Brasil que terá sua rede de aeroportos e transportes públicos avaliados por passageiros de todo o mundo. Sua segurança, sua rede de hotéis e restaurantes, idem. Até a Olimpíada de 2016, no Rio, o país vai estar no centro das atenções ou no olho do furacão. (FSP, p. B14, 29/06/2010)*

As reformas e construções dos estádios para a Copa 2014 apresentaram atrasos nas obras e conseqüentemente a relação entre o COL e o governo federal ficou abalada devido a críticas e gerou confrontos, tema abordado como mais um eixo da categoria.

O secretário-geral da FIFA, Jerome Valcke, que tem relação estreita com Ricardo Teixeira, declarou que achava “incrível” o atraso na construção e reforma dos estádios a serem utilizados no torneio, uma vez que o prazo final para início das obras havia acabado e metade das cidades não havia feito nada, mas que apesar disso, a instituição não trabalhava com a possibilidade de a Copa precisar encontrar um outro país-sede, segundo matéria. (FSP, p. D5, 04/05/2010) O secretário também declarou:

*O Brasil precisava se mexer. Este ano há eleições, para tudo. Ano que vem tem carnaval, para de novo. O Brasil está mostrando que é tão difícil fazer uma Copa lá como na África do Sul. (FSP, p. D5, 06/05/2010)*

O comentário de Valcke a respeito do Brasil repercutiu entre os colonistas do Jornal Folha, como Juca Kfourri que declarou achar inaceitável um dos líderes mais influentes do mundo (referindo-se ao presidente Lula) se submeter a receber pitos públicos da FIFA.

E que o presidente deveria chamar o presidente da CBF, Teixeira, para conversar a respeito da declaração e nomear alguém mais sério para a empreitada. Fazendo “tabelinha” com Kfourri, o presidente Lula sugeriu à CBF que a entidade renove sua direção a cada oito anos, uma vez que Ricardo Teixeira está no cargo desde 1989 e já garantiu a sua reeleição até após a Copa no Brasil.

Outro conflito ocorrido entre governo federal e COL foi em relação ao estádio Morumbi e na época sua possível exclusão como sede para o Mundial 2014 (que viria a acontecer depois, como vimos). Porém o ministro do Esporte, Orlando Silva Jr, declarou que a ameaça do estádio são-paulino ficar fora do Mundial não era um problema do governo federal, mas sim um problema da cidade.

Passado dois meses, o secretário-executivo da FIFA voltou a declarar sobre o país e os preparativos para o Mundial 2014:

*Alguns problemas [persistem]. Mas estamos trabalhando nelas. Os principais são que temos de construir estádios, temos de construir aeroportos, temos de construir estradas, temos de fazer funcionar um sistema de telecomunicações, temos de resolver as acomodações. Com exceção disso, trabalharemos para que tudo funcione. (FSP, p. D16, 15/07/2010)*

O colunista Luiz Fernando Viana complementou a discussão, questionando porque os responsáveis públicos e privados não fizeram praticamente nada desde 2007, quando o país foi escolhido como sede para a competição. Ele também cita as empreiteiras e outros entes privados que apostam no atraso das obras para faturar mais, trocando as licitações pelo chamado dos governos, quando declarada situação emergencial. E finaliza lembrando que a população, que pensava receber algum benefício social, vai pagar uma conta de 33 bilhões, por enquanto, quatro vezes o custo da Copa da África do Sul. (FSP, p.A2,15/07/2010)

O último eixo de discussão da categoria refere-se à divisão dos royalties do petróleo e do pré-sal entre os estados federativos da União. A chamada “emenda Ibsen”, apresentada pelo deputado Ibsen Pinheiro (PMDB/RS), propõe uma redistribuição mais igualitária dos royalties com a exploração do petróleo, reduzindo a participação dos Estados produtores e dividindo-a pelos demais.

O estado do Rio de Janeiro, responsável por 85% dessa produção, se sentiu prejudicado e afirmou que caso a emenda fosse aprovada pelo Congresso Nacional, não teria mais recursos para manter-se como sede para a Copa do Mundo 2014 e as Olimpíadas 2016. O estado calcula a perda de 98% de sua receita de petróleo com as novas regras de distribuição. Contudo, as garantias para os dois eventos são da prefeitura e do governo federal.

Não há dúvidas de que o Estado perde com a divisão, deixando de investir em segurança pública, educação, saneamento e entre outros; entretanto, a candidatura da cidade para sede foi feita anteriormente à descoberta do pré-sal e não contava com esses recursos, lembra o colunista Kfourri. (FSP, p.D5, 18/03/2010)

Também vale ressaltar que as expectativas com receitas advindas do pré-sal são previstas para em torno de quatro ou cinco anos, tempo suficiente para ocorrer o Mundial, no qual não poderá contar com a efetivação da receita e já não contava quando foi assumido o compromisso de realizá-lo.

Ao final, destaca-se o fato de que o país ainda tem muitos impasses a resolver até a realização do mundial, principalmente em se tratando de questões referentes a atrasos de obras e desavenças políticas. E se existe alguma esperança em relação aos possíveis legados do evento, esses são de caráter econômico, já que as expectativas por parte da população quanto ao país sediar o Mundial voltam-se apenas a seleção se consagrar hexacampeã da competição em casa.

### **3. Considerações finais**

A profusão e variedade de reportagens, colunas e outras produções textuais da Folha de São Paulo, que constamos na pesquisa, demonstram que esse veículo, no período observado, promoveu amplo processo de agendamento da Copa da FIFA no Brasil. O procedimento do jornal confirma nossa hipótese inicial de trabalho, de que a cobertura da Copa da África do Sul seria um momento privilegiado para o emprego de estratégias jornalísticas que promovessem associações de fatos atuais com a expectativa da Copa 2014, criando assim antecipações e identificações prévias com o que a mídia se ocupará até a data. Cabe ainda ressaltar que tal agendamento

na mídia impressa difere bastante de outros meios analisados nos demais capítulos da obra.

A descrição e respectiva discussão do material nas seis categorias identificadas na cobertura da Folha podem até mesmo antecipar algumas conclusões, mas de todo o modo vamos elencar aqui algumas, na forma de síntese final.

Começamos pela constatação de que a cobertura da Folha manteve suas características de rigorosidade e crítica, especialmente no que se refere a aspectos econômicos, sobretudo quanto ao uso de verbas públicas. Os problemas observados na preparação do país para receber a Copa, notadamente os relativos a atrasos nos projetos de reforma e ampliação da infraestrutura aeroportuária, de mobilidade urbana e das instalações esportivas (estádios), foram, várias vezes, objeto de comparações com a realização do Pan Rio 2007, mostrando os riscos que tais atrasos impliquem de novo em obras com dispensa de licitação, superfaturamentos e outros formas de corrupção com verbas públicas. Neste sentido, além da contundência de alguns poucos editoriais, pode-se constatar que abordagens sobre o tema predominam nas editoriais de reportagens e nas colunas, sendo possível também observar-se um certo “diálogo” entre ambas, isto é, assuntos divulgados nas matérias jornalísticas eram muitas vezes repercutidos e aprofundados pelos colunistas.

Desse modo, podemos considerar como acertada a decisão prévia do grupo responsável pela pesquisa, quando da escolha da Folha como o veículo de mídia impressa a ser acompanhada e analisada nesse projeto, tal como outros pesquisadores e o próprio LaboMídia já o fizeram em outras ocasiões.

Quanto aos temas identificados como hegemônicos na cobertura da Folha, destacamos inicialmente a questão dos estádios para a realização dos jogos nas cidades-sede. Como vimos, há uma preocupação renovada quanto ao cumprimento das exigências da FIFA para a construção e reforma dos estádios oficiais, o que se pode considerar normal. Mas, para além disso, é importante observarmos que esse tema tem desdobramentos diversos no âmbito nacional, como o atraso nos projetos, problemas de licenças ambientais, a associação de clubes e governos com grandes empreiteiras para

atender as chamadas “garantias” exigidas pela FIFA e, no meio de tudo, os financiamentos públicos, via BNDES, com juros subsidiados e outras condições facilitadas, inclusive com renúncias fiscais e importações de materiais isentas de impostos.

Há também um debate subliminar quanto às possibilidades de que estes investimentos públicos em estádios possam resultar, em algumas cidades-sede, em verdadeiros “elefantes brancos”, cujos custos para a realização de algumas poucas partidas durante as fases iniciais da Copa não sejam, depois dela, compatíveis com a previsível subutilização dos mesmos, dada a pouca tradição e representatividade do futebol de alguns estados brasileiros. Nesse sentido, reflexões a respeito dos possíveis legados a serem deixados pela Copa no Brasil apareceram em diversas situações, destacando que os investimentos públicos a serem feitos não podem ter seu previsto retorno social limitado no âmbito e período do próprio evento.

Aliás, os aspectos econômicos da Copa no Brasil estiveram sempre na pauta da FSP no período acompanhado, seja de forma direta, como já nos referimos acima, seja de forma associada a outros fatos ou previsões anunciadas, como o aumento do emprego na construção civil, por conta das várias obras previstas, e o incremento do turismo e seus reflexos na cadeia produtiva da economia, entre outros. A preocupação com a divulgação internacional do evento e a conseqüente atração de investimentos para o país motivou a realização de movimentos de governos, empresários e entidades diversas, cujo melhor exemplo talvez seja a festa de lançamento oficial da Copa de 2014 no decorrer da Copa da África, pontuada na cobertura da Folha como um evento de marketing institucional de qualidade bastante criticada.

Retomando a questão dos estádios, o tema que mais se destacou no período foi a polêmica sobre a sede da abertura da Copa, em São Paulo. O Morumbi, estádio do São Paulo Futebol Clube, foi e deixou de ser esse palco em várias e sucessivas manobras, que envolveram, sobretudo, componentes políticos relacionados a responsabilidades governamentais (aguçados pela eleição presidencial que se avizinhava) e também relativos à disputa interna no próprio futebol, pela presidência do Clube do 13, na qual CBF, clubes e a Globo estiveram envolvidos. Neste sentido, um personagem

sempre atuante, porém com procedimentos cuja ética foi seguidamente criticada pela Folha, é o presidente da CBF e do COL, além de membro do comitê-executivo da FIFA, Ricardo Teixeira.

Concluindo, pode-se sintetizar a cobertura jornalística estudada com a evidência de que, no período analisado, o veículo midiático observado (jornal Folha de São Paulo) nos mostra que a Copa do Brasil 2014 ainda não se constitui num evento de interesse esportivo propriamente dito, senão numa grande oportunidade de negócios em torno do esporte. Essencialmente com verbas públicas.

Do ponto de vista da educação para a cidadania, propósito maior da mídia-educação, conceito no qual nos apoiamos para estudar a mídia na Educação Física, o fato da cobertura observada destacar e criticar estes fatos pode contribuir para que, evitada a tendência à banalização/naturalização da mera divulgação dos mesmos, possa a sociedade organizar-se para fiscalizar, denunciar e cobrar os agentes públicos em suas ações, projetos e programas relativos à Copa do Mundo da FIFA no Brasil.

### **Referências:**

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**, 2 ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

CADERNO FOLHA 90 ANOS. **Folha de São Paulo**, Folha.com, 19/02/2011.

DINES, Alberto. **O papel do jornal e a profissão de jornalista**, 9 ed. São Paulo: Summus, 2009.

DOMINGUES, Alexandre. **Jornalismo esportivo: uma análise sociológica do caderno Atenas 2004 do jornal Folha de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Curitiba: PPGF/UFPR, 2006.

GURGEL, Anderson. A construção do legado dos jogos pan-americanos Rio 2007 na imprensa e a formação de um conceito midiático para megaeventos no Brasil. INTERCOM, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 31. **Anais...** Natal/RN: 2-6/set/2008.

KUCINSKI, Bernardo; LIMA, Venício A. **Diálogos da perplexidade: reflexões críticas sobre a mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

PIRES, Giovani De Lorenzi (org.) *et al.* **“Observando” o Pan Rio/2007 na mídia**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009.

SILVEIRA, Raquel. Copa do Mundo de 2006: o que elas escreveram na Folha de São Paulo. **Pensar a Prática** (Goiânia), v.10, n. 1, 2007.